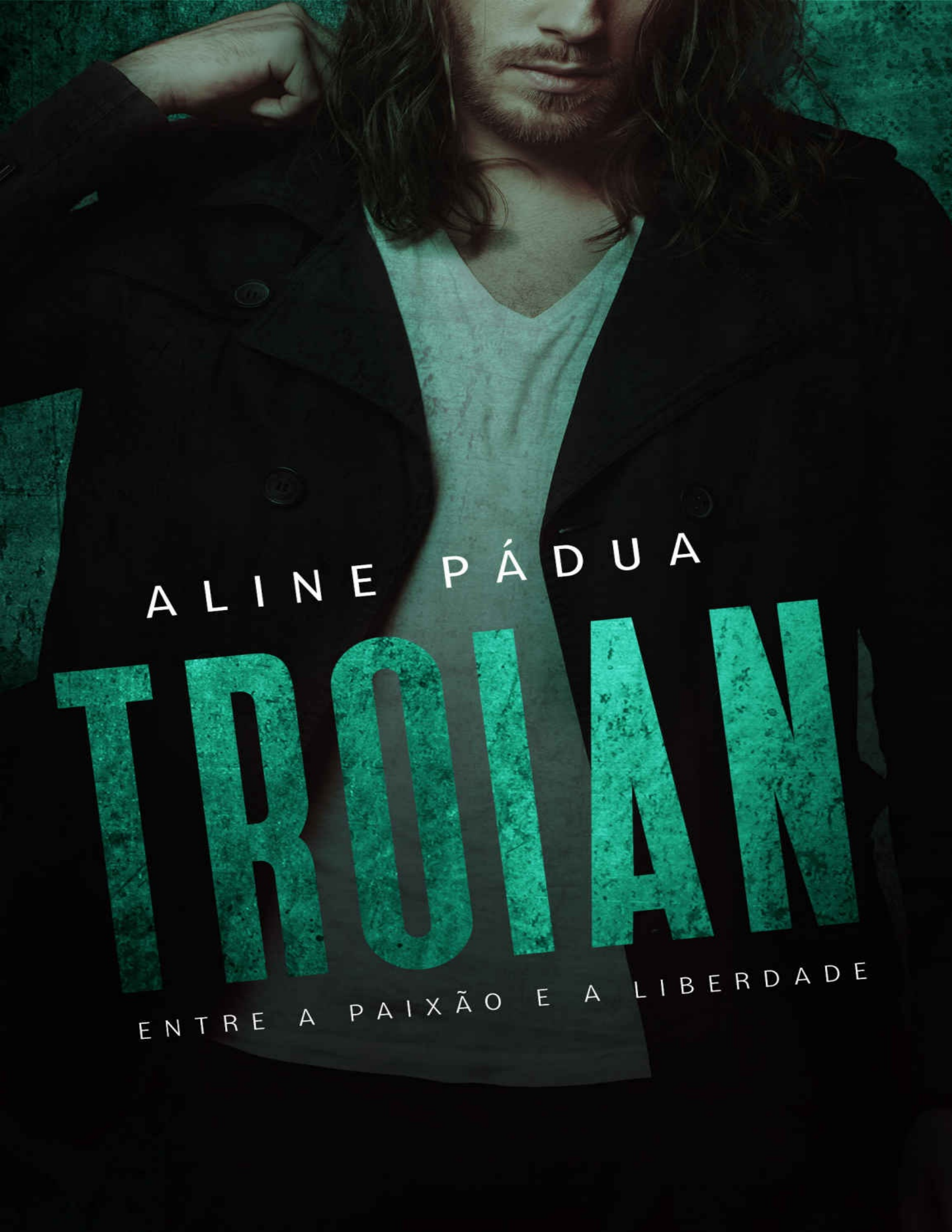


A movie poster featuring a close-up of a man with long, wavy brown hair and a light beard. He is wearing a dark, double-breasted coat over a light-colored V-neck shirt. His right hand is raised, with his fingers resting near his temple. The background is a textured, mottled green. The text is overlaid on the lower half of the image.

ALINE PÁDUA

TROIAN

ENTRE A PAIXÃO E A LIBERDADE



Três

entre a paixão e a liberdade

Aline Pádua

Copyright 2019 © Aline Pádua

1º edição – fevereiro 2019

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. Proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Ilustração: L.A Design

Revisão: Gabriela Ferraz

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Recadinho](#)

[Contatos da autora](#)

Sinopse

Troian Messina nunca quis se apegar a nada, a não ser, seu bom e velho violão. Ele era um homem de espírito livre, que sempre se permitiu viver de acordo com o que acreditava. O destino lhe coloca a frente de uma mulher que o encantara ao mesmo tempo que o assustara no passado – Diana. A mulher de olhar determinado e postura imponente, não era como as outras. Ela o enfrentava, ao mesmo tempo, em que lhe atraía perdidamente. Suas vontades divergem, principalmente, as do coração.

Entre a paixão e a liberdade, qual será sua escolha?

Playlist

...Ready For It? – Taylor Swift

2002 – Anne-Marie

7 Rings – Ariana Grande

Anxiety – Julia Michaels feat. Selena Gomez

Call It What You Want – Anne-Marie

Coisa Linda – Tiago Iorc

Consequences – Camila Cabello

Dancing With Hands Tied – Taylor Swift

Dress – Taylor Swift

End Game – Taylor Swift feat. Ed Sheeran and Future

João de Barro – Maria Gadú part. Leandro Léo

Me espera – Sandy part. Tiago Iorc

Mulher Maravilha – Zé Neto e Cristiano

No Matter What – Callum Scott

Perfect To Me – Anne-Marie

Quem De Nós Dois – Ana Carolina

Ready For It – Taylor Swift

Say My Name – David Guetta feat. Bebe Rexha and J. Balvin

Say You Won't Let Go – James Arthur

So It Goes... – Taylor Swift

Sozinho – Caetano Veloso

Then – Anne-Marie

Dedicado a Hilana Silva e Kamila Marques

Prefácio

“Mesmo quando me descuido

Me desloco

Me deslumbro

Perco o foco

Perco o chão

Eu perco o ar

Me reconheço em teu olhar

Que é o fio pra me guiar

De volta.”

Me espera – Sandy part. Tiago Iorc

Prólogo

“I, I loved you in secret
First sight, yeah, we love without reason
Oh, twenty-five years old
Oh, how were you to know?”^[1]

Diana

— Eu estou bem, pai. — repeti pela milésima vez, durante uma ligação. — Eu apenas quero saber se as coisas vão bem na empresa, mas parece que...

— *Todos estão proibidos de te passar algo! — bradou e revirei os olhos, odiando seu tom. Parecia me tratar como uma criança de cinco anos de idade. — Filha, por favor, apenas dê esse tempo para si! Saia, se divirta um pouco! Você tem apenas vinte e quatro anos! Precisa viver o seu momento!*

— Já estou formada e sei muito bem o que quero. — rebati. — Quero estar à frente do que sempre amei fazer. Desde quando tio Dom e o senhor concordaram de me deixar acompanhá-los nos trabalhos da Russel aos quinze anos.

— *Arte, eu sei. — comentou, e podia ver o seu olhar de preocupação. — Apenas curta essas duas semanas, por favor. Klaus e Paul estão pela Europa, se quiser...*

— Eu estou bem em solo canadense, pai. — tranquilizei-o.

Andei mais um pouco pelo quarto de hotel. Olhei ao redor e tentei fazer o que tanto meus pais e meus melhores amigos praticamente queriam me obrigar – relaxar. Era difícil, pois nunca me senti parte de algo além da publicidade. Eu amava criar e fazer as pessoas se sentirem conectadas. Portanto, viver em função do meu trabalho nunca fora um sacrifício, era meu oásis particular. O que quase ou basicamente ninguém entendia. Eu era feliz de tal forma.

— Eu prometo tentar relaxar, pai.

— *Eu te amo, filha. Saiba que apenas quero o melhor para você. — confessou, naquele tom amoroso que sempre demonstrou. Ele era o melhor.*

— Eu também te amo. — sorri, ao encarar a grande banheira, já me imaginando por onde começar os momentos longe do trabalho. — Agora vou ter que desligar, estou de férias! — provoquei e ouvi sua gargalhada do outro lado da linha.

— *Sua mãe está me xingando aqui, por não te deixar em paz. — comentou, e pude até visualizar a cena de mamãe parada a sua frente, com os braços cruzados e basicamente o obrigando a relaxar.*

Ele poderia negar, mas era como eu. Preocupado e dedicado demais a tudo. Como mamãe sempre insistia em dizer: eu era ingrata. Ela me carregou por nove meses para que sequer tivéssemos os mesmos gostos musicais.

— Diga que a amo muito e que vou usar aquele vestido lindo e exagerado que ela me deu de aniversário. — mal terminei de falar e ouvi o grito histérico de Elle Carter. Tão minha mãe e sua essência.

— *Deve ter ouvido. — papai falou, e ouvi sua risada. — Agora,*

vou te deixar descansar. Mas já aviso, nada de ameaçar estagiários para informações sobre a campanha desse mês. Eles foram avisados sobre você!

— Ok. — acabei por desistir. — Te ligo amanhã, tudo bem?

— *Até, filha.*

Desfiz a ligação e deixei o celular de lado, ignorando a milésima mensagem de Paul, onde ele basicamente mandava fotos variadas de Klaus dormindo com a boca aberta. *Ele era terrível.* Mal parecia um homem de vinte e sete anos.

— Ok, Diana. É hora de tentar agir como qualquer pessoa normal. — zombei de mim mesma.

Saí do banheiro e caminhei até minhas malas. Tirei de dentro da mala o belo vestido preto completamente decotado nas costas, de seda, e com a marca que o fazia custar muito mais alto que a maioria. Mamãe amava moda, assim como, sempre viveu nesse meio. Uma modelo de sucesso e amada por praticamente todos. Ela sempre quis que seguisse seus passos, mas logo, percebeu que não demonstrei interesse algum.

Nunca me vi no mundo do glamour, ainda mais, sabendo o quanto a carreira de modelo era complexa. Não nasci para aquilo. Por isso, usar um vestido que normalmente sequer compraria, era algo que a fez gritar. Tiraria uma foto e lhe mandaria antes de sair. Ela amava me ver, nem que um por cento do tempo, perto de seu mundo.

Separei mais algumas peças, e peguei meu nécessaire. Voltei ao banheiro e liguei a torneira da banheira. Deixaria tudo o mais calmo possível e selecionei uma música no celular, para tentar me distrair, enquanto a banheira não enchia. Fui até o presente de boas-vindas do hotel, ao som de Rihanna, e resolvi tomar um pouco do champanhe. Eram três da

tarde, em Vancouver, a cidade que mamãe e papai decidiram me mandar durante as férias surpresas.

Eles se lembraram de como amei passar um período neste mesmo lugar, e assim, praticamente me enfiaram no avião. Mais estranho do que estar sendo obrigada a relaxar, era estar tomando um dos melhores champanhes em um quarto magnífico de hotel, que mais parecia um apartamento. Porém, tive que admitir que não existiam quaisquer motivos para reclamações no momento em que olhei para a vista impecável da sacada.

Começava a relaxar naquele momento.



Horas depois, encontrei-me em frente a um pub que sempre amei vir durante a época que passei por aqui. A cidade parecia a mesma de quatro anos atrás, mas algo me indicava mudança, não saberia dizer ao certo do que se tratava. Se o dia não tão frio, ou até mesmo, o sorriso das pessoas que encontrei. Tudo parecia indicar que algo era novo no ar. Simplesmente, poderia ser minha mente vagando a respeito de encontrar arte e conexão em pessoas.

Adentrei o pub e olhei ao redor, aprovando mentalmente a reforma que fora feita. O lugar parecia ainda mais aconchegante do que antes. Sentei-me numa mesa próxima ao palco, onde deveria ter música ao vivo. Pedi uma cerveja e encarei o restante do cardápio, tentando decidir se

comeria algo naquele momento. O lugar estava bastante cheio e era possível ouvir um pouco das conversas alheias, mesmo com a música de fundo.

Em minha segunda cerveja e o primeiro pedido de fritas, uma voz rouca soou no microfone. Apenas o timbre fez com que meu corpo, de alguma forma inexplicável, reagisse. Levantei o olhar e paralisei, ao encarar o homem de barba loira e espessa, na mesma cor dos cabelos compridos. Ele falava algo, o que sequer consegui compreender, devido ao fato de sua beleza me atingir de forma absurda.

Levei a cerveja a boca e dei um longo gole, tentando me tirar daquela conexão sem nexos. Porém, ele virou o rosto que antes estava apenas de perfil, presenteando-me com olhos verdes tão claros que pareceram transmitir o mesmo que me causara.

O que diabos estava acontecendo?

Ele abriu um sorriso de lado, ao encarar meu rosto de forma minuciosa. Deixei o copo de cerveja sobre a mesa, e me ajeitei melhor na cadeira, tentando voltar a quem realmente era. Era a dona de minha própria vida, o que incluía, meu corpo. Levei as mãos aos cachos um pouco rebeldes naquela noite e os coloquei atrás da orelha, ainda sentindo o olhar fixo do homem. De repente sua voz inundou todo o local, e entendi que não seria fácil me livrar de tal sensação.

Ele cantaria naquela noite, e o som rouco de sua voz, fazia-me desejar ardentemente seus lábios que se moviam de forma suave a cada verso. Seus olhos fugiam e voltavam aos meus, em cada momento e frase cantada. Sorri, entregando de vez que aquilo me afetava. Meu objetivo era relaxar, e nada melhor, naquele momento, do que imaginar aquela boca sussurrando em meu ouvido frases indecentes, enquanto desbravávamos

nossos corpos. Aquele poderia ser o ponto alto de minha primeira noite de férias.

Levantei meu copo de cerveja, no momento em que seu olhar encontrou o meu, como quem iniciava um brinde. Em meu interior, brindava gloriosamente. Um brinde a uma noite com um homem desconhecido e que de alguma maneira parecia desejar o fim daquela noite na mesma proporção que eu.



Depois de algumas cervejas e olhares nada apropriados, as horas passaram tão rápido que sequer percebi. Resolvi me levantar e fui em direção ao banheiro, sentindo-me um pouco perdida diante de tanta intensidade. Talvez fosse aquilo que o sentimento diferente diante da cidade de Vancouver me trouxera. Não era a cidade que mudara, era eu.

Deixei a bolsa e o celular sobre o balcão de granito e passei as mãos pelo rosto, sentindo-me um tanto quanto impactada. Passei as mãos pelos cabelos e os joguei para trás, deixando o pescoço livre para passar água. Parecia estar sufocada com algo que sequer tinha explicação. Assim que fechei a torneira, escorei-me no balcão, e em seguida, resolvi responder meus melhores amigos. Abri as mensagens de Paul e foi impossível não rir. Klaus o mataria tão cedo descobrisse aquelas fotos.

Sorrir daquelas palhaçadas me livrou da carga exótica que me atingia. Era como se finalmente me livrasse do feitiço que o cara loiro me

jogara. Talvez, nem ele mesmo esperasse uma mulher na mesa bem ao lado do palco, secando-o como uma verdadeira perseguidora. Porém, nunca fora o tipo de pessoa que esconde o que sente. Prometi a mim mesma que nunca mudaria minha essência, pois era o que realmente me fazia sentir diferente.

No mundo, as pessoas buscam muitas coisas, em sua maioria, acreditava que as mesmas. Assim como buscam tentar rebaixar os outros, seja por classe, raça, gênero, e outros mais. Prometi também, que nunca deixaria alguém sequer tentar atingir por ser quem sou. Eu me amava, aquilo era o suficiente. Ao menos, para me reafirmar em qualquer situação.

Escutei batidas na porta do banheiro e franzi o cenho, estranhando por completo. *Tranquei a porta sem perceber?* Aquele era o banheiro de um pub, portanto, uma porta principal separava o interior com várias cabines e a pia, do ambiente externo. Andei até a porta, e a abri.

Meus olhos se arregalaram no instante em que o verde daquele homem me atingiu. Ele me encarou de forma devastadora, e pude jurar, que nos agarraríamos ali mesmo. *Que química era aquela?* Nem mesmo com Spencer, que era um homem incrível na cama, senti-me daquela forma.

— Eu sou Travis. — sua voz soou decidida, e o admirei por aquilo. Ele não iria inventar algum motivo para ter batido a porta. *Ponto para ele.* Entretanto, algo em suas palavras não me convencia..

— Diana. — respondi de relance e o encarei da forma que tanto queria, analisando-o ainda melhor sob a luz mais forte. — Me viu sair da mesa e resolveu se apresentar? — indaguei.

Ele sorriu de lado, claramente, aprovando minha afronta. Não era uma mulher de meias palavras.. Se eu queria o mundo, simplesmente

queria. Se que queria um homem, era o mesmo processo.

— Direta e sincera admiro isso. — falou, e deu um passo à frente, ficando muito próximo. — Que tal bebermos algo? — sugeriu.

Olhei-o com um sorriso contido, e pensei nos prós e contras. Realmente, não existiam contras. Pensei na banheira que quase adormeci mais cedo, e na maneira que me serviria com um homem como aquele a tiracolo.

— Acho que mais uma cerveja, T.

Ele sorriu, aprovando o apelido, e senti-o mais leve. Passei por ele, propositalmente esbarrando em seu corpo, e um arrepio percorreu todo meu. Algo me dizia, que não adormeceria na banheira. Não naquela noite.

Capítulo 1

“O meu desafio é andar sozinho
Esperar no tempo os nossos destinos
Não olhar pra trás, esperar a paz
O que me traz
A ausência do seu olhar”^[2]

Anos depois...

Treia

Acordei um pouco perdido e notei o silêncio completo no apartamento. Com toda certeza Patrice não estava. Senão, os barulhos de seu café da manhã, soariam por todos os lados. Sentei-me e joguei os lençóis de lado, esticando-me de forma, que finalmente conseguisse acordar. Passei as mãos pelo rosto, e fiz um coque com o cabelo, que nunca estivera tão longo antes.

Levantei-me e segui em direção ao banheiro, ainda, no modo zumbi, sem querer de fato acreditar que tinha despertado tão cedo. Porém, aquele era um dia importante, teria uma conversa com um velho amigo, a respeito de cairmos na estrada mais uma vez. Não era meu objetivo no momento, porém, nunca conseguira dizer não a música. Além de tudo, éramos um dos porquês de estar em Nova Iorque.

Fui direto para a ducha fria e amaldiçoei o frio, mesmo sabendo ser necessário para finalmente despertar. Depois do primeiro contato, tomei um banho tranquilo, cantando uma das músicas que adorava e que com toda certeza, ensinaria a meus alunos de canto, quando as aulas voltassem.

Ser professor de canto e violão nunca fora um objetivo de vida, mas depois de tanto me imaginar em empregos diferentes e até mesmo, experimentar a maioria, nada pareceu tão interessante e emocionante, quanto ver o brilho no olhar e sorriso, daqueles que amavam música como eu. Compartilhar esse amor, transformou-se em uma de minhas razões.

Ter cursado música em uma das melhores faculdades era um ponto alto em meu currículo, porém, nunca fora o mais importante. Sempre quis entender o ramo por todos os lados. Com fama ou sem fama, cantar era minha arte e verdadeiro amor. Ter uma guitarra no colo, enquanto deixava a voz falar pelo coração, era algo sem explicação. Portanto, sempre buscava o mesmo em meus alunos.

Aqueles que claramente não amavam o que faziam, logo desistiam. Ao longo dos anos música se tornara um show, negócios e contratos. Aquele era o caminho para quem buscava milhões de fãs, discos de platina e rios de dinheiro. Ao menos, tentava fazê-los enxergar a música como algo único, sendo com uma plateia de uma ou de dez mil pessoas

Fechei o registro e peguei a toalha pendurada no box. Sequei-me rapidamente, e parei a frente do espelho. Ele me mostrava muito além do que realmente era. Aparentava ser um homem bem mais velho, talvez devido a barba espessa e cabelos cumpridos. Porém, pessoas próximas sabiam que há pouco tempo completara vinte e cinco anos. Havia uma bagagem de histórias em minha mala, devido a uma época na estrada, mesmo assim, minha idade nunca entregara o que realmente era.

Escovei os dentes e logo saí de dentro do banheiro, buscando qualquer roupa dentro das malas ainda não desfeitas. Vir para Nova Iorque nunca seria uma decisão apenas minha, porém, aproveitei o fato de que Patrice faria o mesmo, para poder reencontrar alguns amigos e quem sabe, decidir uma próxima viagem antes das aulas voltarem.

Com uma camisa na cor cinza, calça jeans escura e o cabelo ainda molhado, mas jogado para trás, de forma que não pudesse ficar tão rebelde, saí do apartamento. Resolvi dirigir, e assim, admirar a manhã nova iorquina, de forma que pararia para tomar um café antes de encontrar Charlie. Dirigi sem rumo certo por entre a cidade, e admirei a beleza do lugar, que com toda certeza, era um dos preferidos de minhas irmãs.

Olhei pela janela e avistei um café que frequentava durante a época que passei em Nova Iorque com a banda. Estacionei ao lado, e logo estranhei, quando uma pessoa passou ao meu lado e abriu um sorriso desejando bom dia. Não era uma pessoa matinal, e muito menos, simpática. Segundo minha família, apenas era simpático com desconhecidos quando cantava a frente deles. Ao contrário, não faria nada.

Adentrei o café, e tamanha foi minha surpresa quando avistei Patrice em uma das mesas. Um certo arrepio atravessou meu corpo e pisquei algumas vezes, até perceber o que aquilo significava. Minha mente viajou até o momento em que uma mulher me fez sentir de tal forma, anos atrás. Quando ela simplesmente me teve em suas mãos, que infelizmente, escolheu não permanecer. Subi meu olhar e me deparei com cachos negros, e um sorriso de menina no rosto dela. Era ela. *O quanto o destino poderia ser traiçoeiro?*

Sem conseguir entender minha própria reação depois de tanto tempo sem sequer vê-la, e com as lembranças daquelas duas semanas no passado, resolvi seguir até o balcão. Ela não me viu, ao menos, parecia

muito concentrada na conversa com Patrice. Pedi um café puro e forte, e praticamente o tomei num gole. Algo em meu interior não aceitava tal reação, ainda mais, depois da forma que nos afastamos. Porém, ela podia simplesmente não me reconhecer. Ou fingir.

Com isso em mente, paguei pelo café e segui até a mesa em que estavam sentadas. Parei ao lado de Patrice, tentando não chamar atenção da mulher negra a sua frente. Sem sequer conseguir entender por que não saía daquele café sem parar ali. Algo dentro de mim parecia querer estar perto dela, ao menos, mais uma vez. Logo senti seu olhar me queimar, e antes mesmo de Patrice perceber minha presença, ela o fez.

Nossos olhares se cruzaram e nada poderia soar mais como uma comédia romântica clichê, o ar pareceu escasso e se tornou difícil respirar. *O que aquela mulher tinha?*

— O que faz aqui, bebê? — Patrice perguntou, e quebrei a conexão estabelecida com Diana.

Seu nome ainda parecia vivo em minha mente, e senti-me um babaca por sequer ter dito o meu verdadeiro para ela. Meu olhar voltou para Diana, e sua sobrancelha esquerda estava arqueada, como se me desafiando a algo. Aquela mesma essência, a que me fez gostar tanto daquela mulher a ponto de querê-la em minha vida de forma permanente. — Vim tomar algo. — comentei. — A noite foi cheia.

Era verdade, passara toda ela estudando músicas novas e outras abordagens para com meus alunos. Amava o que fazia, e nada mais justo, do que aperfeiçoar.

— Entendi. — fez uma leve careta e não entendi a razão. — Ah, desculpe. Dia, esse é Troian Messina, meu primo. Bebê, essa é Diana Carter, uma amiga.

Respirei fundo diante da apresentação e tentei buscar algo no olhar de Diana, que parecia muito à vontade em sua própria pele. Tentei parecer neutro e não demonstrar nada demais. *O que poderia fazer?* Aquela mulher me teve e simplesmente fugiu no passado. As coisas foram assim, e nada mais justo, do que termos nos tornado desconhecidos. Mesmo conhecendo por completo cada parte de seu belo corpo.

Ela então sorriu e pareceu não se importar com meu descaso. O que me fez lembrar o que de fato me encantou nela. Ela não mudava seu jeito diante de ninguém. Diana era uma mulher sem meias palavras ou sutileza. Porém, pareceu entrar no jogo, e apertamos as mãos. O arrepio que sentira quando entrara no restaurante, percorreu todo meu corpo mais uma vez, de forma ainda mais prevalente. *Efeito Diana*. Suspirei, sem conseguir acreditar que ela ainda me afetava daquele jeito.

— Prazer, Troian. — Diana falou e apenas assenti, sem saber o que dizer. Ficara completamente perdido diante de seu olhar castanho e ainda mais, por ela entrar naquele joguinho. *Precisava sair dali*.

— Estou indo para casa. Quer carona? — perguntei para Patrice, mesmo sabendo que aquele não era meu real destino. Porém, era preciso fugir, ao menos, naquele momento.

De canto de olho notei que Diana digitava algo rapidamente em seu celular e pelo seu semblante parecia preocupada com algo. Patrice terminou seu café e assentiu para minha proposta. Sem saber mais o que dizer ou fazer, sem entender aquela intensidade, dei as costas e resolvi sair de lá.

Encostei-me contra o carro e esperei a saída de Patrice, sem conseguir imaginar como finalmente, depois de tantos anos, fora colocado à frente de Diana. O que mais me intrigava era o nosso passado e o que

realmente passou por sua mente naquela época. Quem diria que os círculos de amizade de Patrice chegariam a ela?

— Então, precisamos marcar de tomar algo sem todo esse clima pesado. — ouvi sua voz doce e decidida, que me deixava completamente de joelhos e tentei me manter são a sua frente.

— Eu realmente sinto muito. — não entendi ao certo o pedido de Patrice para com ela. — Parece que acabei fazendo uma bagunça na vida de Paul.

Algo não estava certo, e pelo tom de voz de Patrice, ela estava envolvida. Porém, em minha mente, apenas uma pergunta permanecia: Quem era Paul?

— Ele vai superar. — olhei de relance para Diana e a vi dar de ombros. — Ao menos, espero que dessa vez o faça.

— Quer uma carona? — Patrice ofereceu e prendi uma respiração. Ficar tão perto de Diana depois de tanto tempo, ainda mais, ela sabendo que menti sobre meu próprio nome não me parecia algo com final bonito. Não naquele momento. — Troian não vai se importar de...

— Não, estou de carro. — a voz de Diana soou decidida. — Agradeço e tenho certeza que seriam ótimas companhias. — segurei um sorriso de canto, pois sabia que ela me analisava.

Ela se lembrava de mim, não era possível não o ter feito. O que vivemos não era algo comum, que qualquer pessoa fazia sentir. Nunca, em momento algum, senti com outra pessoa o que apenas ela foi capaz.

As duas se despediram, e como sempre, Diana me surpreendeu. Ela deu alguns passos e senti aquela antiga vibração diante de sua proximidade me atingir. Ela parou a minha frente e senti seu olhar queimar por todo meu corpo. Era a minha Diana, da forma como me lembrava em sonhos.

Se as coisas tivessem sido diferentes, internamente, indaguei-me como estaríamos hoje.

— Até mais, T.

Ela se lembrava.

Sem me dar tempo para resposta ou lhe encarar, Diana se virou e saiu andando, como se mais uma vez, levasse todo meu fôlego com ela. Entrei rapidamente no carro, sentindo-me como um adolescente diante de uma mulher inatingível. Ninguém além de nós conhecia aquela história. Era uma parte apenas nossa, que no momento, fez-me querer ter lutado ainda mais.

Coloquei o som no último, no momento em que Patrice abriu a boca para falar algo. Não queria suas palavras, nem de ninguém. Queria era poder estar à frente de Diana mais uma vez, e dizer que não me arrependia, e que entendi, depois de um longo tempo, que aquela escolha fora necessária.

A música a ponto de estourar nossos ouvidos parecia me definir e odiei o fato de sempre a relacionar com cada uma das músicas que escutava, e até mesmo, cantava. Diana era minha perdição, e parecia, que sempre seria.

“And now all this time

Is passing by

But I still can't seem to tell you why

It hurts me every time I see you

Realize how much I need you.”^[3]

Capítulo 2

“If you’re really being honest
If you really want this, woah
Why you acting like a stranger?
What’s with your behavior?”^[4]

Diana

Era ele.

Meu coração parecia querer sair pela boca.

Entrei em meu carro e segurei no volante com força, tentando controlar minha respiração. Levei a mão direita ao peito e notei que meu coração batia freneticamente. Era o efeito de T sobre mim. No passado, fora da mesma forma, e naquele momento, parecia ter sido teletransportada para cinco anos atrás. O olhar quase glacial, com o qual lhe apelidei, permanecia o mesmo. Porém, senti saudade daquela intimidade criada em tão pouco tempo, que naquele exato instante, parecia completamente perdida.

Os cabelos loiros mais longos do que me lembrava, assim como a barba ainda mais espessa. Contudo, ele permanecia como em minha memória – o meu pecado. Bufei sozinha ao pensar sobre a forma casual com que resolveu me tratar, como se sequer nos conhecêssemos. Porém, mesmo distante seu olhar era transparente, assim como sua forma de agir.

Ele se sentia, como antes, intimidado. Encará-lo frente a frente, mesmo não recebendo a troca de olhares que tanto me marcou no passado, fez com que deixasse claro, que sim, eu me lembrava dele... de nós. Que mesmo depois de tanto tempo, ele permanecia enraizado em mim.

Não o chamaria de Troian, assim como nunca o chamei de Travis. T era o suficiente para mim, como se fosse apenas a pessoa que pronunciava tal apelido. Ainda mais, quando descobri seu verdadeiro nome no passado. Suspirei profundamente, sem conseguir sair com o carro. Os pensamentos me rodearam, assim como, lembranças de um tempo que, infelizmente, não voltaria. Não da mesma forma.

Estávamos na segunda cerveja, e T falava a respeito da vida na estrada com tanta inocência, que minha mente começou a girar em torno de sua idade. Ele aparentava vinte e cinco anos, mas, ao estar ao seu lado, bem próximo de seu rosto e ouvindo a forma como levava e encarava a vida, parecia ter muito menos.

— Não me imagino com fama e nada além, só quero tocar e poder me apresentar por um tempo. — falou, e bebeu um longo gole de sua cerveja.

Assenti e acabei divagando a respeito da forma que nos tratávamos. Era estranho, mas ao mesmo tempo, aconchegante. Ambos estávamos atraídos, e com toda certeza, a noite terminaria com meu corpo sob ou sobre o dele. Portanto, por que perdíamos tempo conversando a respeito da vida? Não seria mais fácil, simplesmente, irmos para o quarto de hotel mais próximo? Ou até mesmo, o meu quarto?

Contudo, a facilidade com que a conversa fluía e a forma admirada com que me encarava, parecia nos manter dentro daquele pub. Ambos sabíamos o que queríamos, mas nenhum parecia querer ou

precisar correr contra o tempo.

— O que tanto pensa? — sua voz soou baixa e rouca, perigosamente, perto de minha orelha.

Ele sabia seduzir, era claro. Mesmo assim, sentia-me ainda mais corajosa em sua presença. Dois poderiam jogar aquele jogo.

— No porquê estou aqui ainda. — falei, frisando a última palavra. — Sabe... — aproximei-me de seu rosto, e levei uma mão até o lado esquerdo, acariciando levemente. T não pareceu se importar, porém, seus olhos verdes mudaram de cor. Eles demonstravam desejo puro. — Poderíamos estar em um quarto, ou até mesmo, num banheiro... Mas não sei por que, gosto de conversar com você. — confessei.

— Talvez a espera seja um afrodisíaco. — comentou, e segurou minha mão, dando um leve beijo em meu pulso. Um forte arrepio se espalhou por todo meu corpo, como se fôssemos apenas eu e ele naquele lugar. Nada mais importava. — Não precisamos ter pressa. — complementou e assenti.

— Gosto de como isso começa. — escorei-me com o braço na mesa, e sorri em sua direção. — Gosto de te olhar. — ele sorriu de lado, e notei que aquele era um gesto costumeiro. Ele parecia fazer sempre que aprovava algo. Ele me aprovava naquele instante. — Gosto de tentar descobrir que cor são seus olhos.

Ele deu uma leve risada e bebeu mais um pouco da cerveja.

— Dizem que são duas pedras de gelo, assim como meu coração. — falou, o que me fez gargalhar.

— Posso imaginar quantos coraçõesjá foram despedaçados por um rockstar desapegado, e com um olhar glacial. — provoquei e ele gargalhou alto, deixando-me completamente atônita por um segundo.

Porém, no segundo seguinte, soube que ele me contagiou, e acabei, gargalhando também.

O som de meu celular me despertou, e pisquei algumas vezes, ainda atordoada com aquelas lembranças. Atendi rapidamente e falei com um dos meus parceiros na Russel. Era a chefe do departamento de marketing da empresa, o que sempre fora meu objetivo. Como sempre, algum imprevisto aparecia, mesmo que lutássemos arduamente para que nada fugisse do planejado. Entretanto, o trabalho poderia me manter ocupada. A distração que sempre fizera parte de minha vida, deveria ficar de lado. Ao menos, naquele momento.



Sorri para Spencer, que me abraçou com força. Ele logo se afastou e tocou meu rosto, com a vontade clara em sua face. Porém, não poderia fazer aquilo com ele. Sentia-me uma completa idiota, por não conseguir retribuir seus sentimentos, ainda mais, por saber que combinávamos tanto. Mas naquela noite, existiam muito mais empecilhos. Apenas por saber que T estava em Nova Iorque, minha única vontade era confrontá-lo e ter uma conversa sobre o passado. Talvez fosse a única a querer tal coisa. Porém, nunca fui de desistir do que realmente queria.

Afastei-me do corpo de Spencer com cuidado, e notei seu semblante confuso.

— Desculpa, não posso fazer isso. — falei, abraçando-me e o

encarando com pesar. — Não depois de tudo que me confessou.

— Eu sei que fui precipitado em me declarar e dizer a verdade, mas eu... Eu não quero que as coisas terminem entre nós. — senti meu coração doer, e pensei em quão tolo era.

Por que não poderia simplesmente me apaixonar por aquele homem maravilhoso? Spencer era um amigo de foda, fora aquilo por um longo tempo. Até que começou um namoro e nos afastamos, ao menos, intimamente. Porém, após seu término, ele me procurou e não existiam motivos para negar um sexo despreocupado e gostoso. O problema fora a declaração de amor que ele fizera, assim que lhe falei sobre meu namoro com Paul. Além da declaração, ele se arriscou a dizer que se casaria comigo. Eu não retribuía tal sentimento, infelizmente. Não era por Paul, e logo todos saberiam daquilo. Entretanto, não poderia voltar a ficar com Spencer. Não sabendo o que realmente sentia.

Era um acordo meu e de Paul, e apenas nós sabíamos da verdade em torno do namoro falso que declaramos. Ao menos, até aquele momento. Logo, por questões de as coisas finalmente estarem entrando nos eixos, Paul e eu não teríamos que atuar como casal. Fora apenas a forma mais fácil de fazer Klaus enfrentar o medo do amor e se declarar para a mulher que amava, e que por sorte ou destino, parecia amá-lo também. Entretanto, aquilo era conversa para outra história. Precisava focar no presente. No homem de semblante preocupado a minha frente.

— As coisas mudaram, Spencer. — falei, me odiando por completo naquele instante. — Não sou a mulher certa para você e não posso fingir que não me importo com seu bem-estar.

— Eu não quero ficar longe, Dia. — sua sinceridade me assustava, assim como sua intensidade. Porém, não era a forma que me tinha em

mãos. Eu o via como um homem atraente e um grande amigo. Nada mais.

— Eu sinto muito. — levei as mãos aos cabelos e respirei fundo. — Somos adultos e sabemos lidar com muita coisa. Mas não posso fazer isso com você. Não me sentiria bem.

— Eu... — sua voz falhou e logo senti seus passos se aproximando. Ele tocou meu rosto com carinho, forçando-me a encará-lo. Um sorriso fraco se abriu em seu rosto, e senti meu coração afundar. Não queria machucá-lo. Nunca fora meu objetivo. — Eu queria ser o homem certo para você, e sinto, que um dia, serei. — fechei os olhos, não querendo entrar naquele assunto. — Eu adorei nosso jantar como amigos, mas sempre vou querer mais com você, Dia. É como respirar. Sinto muito por te amar.

Ele então beijou minha testa e sem me dar tempo para dizer algo, foi em direção a porta de saída de meu apartamento, fechando-a atrás de si. Sentei-me no chão, completamente perdida diante daquele momento. Eu queria amá-lo, de todas as formas. Mas nunca consegui tal proeza. O amor não era algo imposto, e entendi da pior maneira. Naquele momento, perdendo Spencer.

Era para ser apenas um jantar de amigos, onde, o assunto sobre sua declaração seria enterrado. Porém, as intenções dele foram claras, e não poderia seguir em frente. Soube no momento em que seus olhos não encaravam meus, mas sim, minha boca. Tentei não me sentir mal por afastá-lo daquela forma, porém, ele era importante para mim. Sempre seria. Entretanto, tinha certeza, que mesmo com sua confiança, ele nunca seria o homem certo.

Não era ele.

Suspirei, deitando-me no chão da sala, e me sentindo uma imbecil.

Parecia tanto com Klaus e Paul naquele instante, que minha vontade era ligar para ambos e contar o que aconteceu. Mas ainda assim, não o fiz. Nem era de meu feitio. Nunca fui o tipo de pessoa que se abre para os outros, mesmo para os mais próximos. Felizmente ou infelizmente, permaneci assim.

Fechei os olhos, e uma música que tanto marcara meu passado viera em mente. Com a força e atração que apenas um homem me fizera sentir. Troian Messina, era seu nome. Que apenas T resumia, e assim, me marcara por completo. Os olhos glaciais me atingiram de forma significativa. Naquele momento, tive a certeza de que teria aquele homem mais uma vez. Para aí sim, conseguir seguir em frente.

Capítulo 3

“In a minute, but I think about it sometimes
Even though I know it's not so distant
Oh, no, I still wanna reminisce it.”^[5]

Diana

Foi inevitável buscar mais uma vez seu nome em redes sociais. Mas como no passado, não obtive nenhum resultado que fosse ele. Dias após aquele reencontro e nada a respeito. Nem mesmo nas redes sociais que Patrice colocava fotos com ele. Parei muitas vezes apenas para admirá-lo, e tentar entender, por que não nos esbarramos durante os anos que se passaram.

T parecia ser avesso a tecnologia, ou até mesmo, poderia fazer uso de um nome falso em redes sociais. Infelizmente, minhas buscas resultaram em nada. Mais um dia se iniciara, e basicamente acordei e vim para a empresa. Precisava dar uma atenção maior para o final da nova campanha, já que em breve, teria que me afastar.

Uma semana fora de meu cotidiano, como há cinco anos. Sorri de minha comparação, ao imaginar que pudesse reencontrar T naquela viagem. Porém, de alguma forma não explicada, ele aparecera a minha frente bem antes de embarcar para o Brasil. Minha mente rodou, e fechei a

tela do notebook. Suspirei fundo, lembrando-me de sua reação e da forma como pareceu distante.

Por que aquilo não me surpreendia?

Talvez pelo simples fato de que foi uma minha escolha que nos afastou. Deixá-lo fora a coisa mais difícil que fiz. Porém, fora necessário. Ele era jovem demais e com ideais completamente diferentes dos meus. Mesmo sendo o único homem que me fez querer *mais*, existiam mais motivos para ir do que para poder ficar.

Em minha mente, tudo o que buscava era poder reencontrá-lo e conversar. Saber o que se passou depois de tanto tempo. Que rumo sua vida seguiu, e ainda mais, falar a respeito de mim. Da forma como fiquei, e agora, como me senti, ao vê-lo novamente. Troian era parte do passado, mas nunca deixou de estar presente em minha mente, e poderia afirmar, que em meu coração.

Peguei meu celular e digitei uma mensagem para Klaus, com o intuito de que aparecesse em minha sala. Em poucos minutos, ouvi batidas na porta, e logo, meu melhor amigo entrou. Com seu sorriso discreto e olhar perdido, que mostrava muito pouco sobre quem ele realmente era. Porém, seu semblante demonstrava que algo de bom acontecera em seu dia.

— Acho que alguém está feliz. — acusei, levantando-me e indo até ele.

Abracei-o com carinho e recebi um beijo na testa. Existia algo nos irmãos Russel, que nunca a mudou forma carinhosa com que sempre me trataram. Não éramos irmãos de sangue, porém, biologia nenhuma era mais importante do que os sentimentos de nossos corações. Escolhi Paul e Klaus como meus irmãos, assim como eles o fizeram comigo. Não existia

chance de algo ser mais forte. Nem mesmo o sangue em nossas veias.

— Parece ser algo importante. — falou e me encarou com atenção.
— O que houve, Dia?

— Você parece desconfiado. — ele piscou algumas vezes, demonstrando não entender minha abordagem. — Mas sim, existe algo para conversamos. Algo sério.

— Isso tem a ver com o mau humor de Paul? — perguntou e assenti, sorrindo.

Não aprovava as escolhas de Paul, porém, não poderia levar aquela mentira a diante. Klaus e Lia se tornaram um casal, oficialmente. Ele me ligou, horas depois do acontecido, contando o quanto estava apaixonado e mais, que fora pedido em casamento por ela. De alguma forma, soube que não poderia continuar com armação alguma, pois ele estava feliz. Foi pela sua felicidade que Paul e eu entramos nessa, inventamos um namoro e atuamos. Agora, que ela se concretizava, não existiam motivos plausíveis para continuarmos.

— Podemos marcar um jantar e conversar hoje? Aliás, preciso de Lia presente. — pedi, e ele me encarou de maneira estranha, mas assentiu.

— Não quer mesmo conversar sobre algo? — indagou, e entendi que não se tratava do assunto principal do jantar.

Klaus era perspicaz, e com toda certeza, notara a tensão em meu corpo. Em alguns momentos, principalmente, nos mais frágeis, não era boa em fingir sentimentos. T permanecia em minha mente, mesmo que existissem problemas sérios a resolver. Ele continuava como foco indevido.

— Não. — me esquivei, e dei de ombros. — Não precisa me olhar como se fosse meu protetor.

— Você sempre ajuda todos nós, Dia. — falou, e se aproximou, tocando meus braços. — Sabe que sempre estou aqui, não é?

— Eu sei. — e era a mais pura verdade. O problema não era não ter alguém para desabafar, era por nunca ter conseguido me abrir de tal forma. — Mas agora, quero que foque em amar loucamente sua noiva. — provoquei, e um brilho diferente passou por seu olhar. Com toda certeza, ele pensara em Lia.

— Estou focado nisso, mas isso não impede de me preocupar com o seu bem-estar. — falou decidido.

— Você é o Russel fofo. — provoquei e apertei seu nariz, o que o fez sorrir. — Mas agora, vamos trabalhar e deixar a conversa para mais tarde.

— Tudo bem. — assentiu. — Mas, qualquer coisa, me chame.

Beijei seu rosto e Klaus deu as costas, saindo de minha sala. Voltei até minha cadeira e praticamente me joguei. Minha mente girava na forma de contar toda a verdade para Klaus e Lia, sobre o falso namoro com Paul. E mais, como seria contar para nossas famílias. As coisas poderiam soar um pouco invasivas, ainda mais, pela decisão que tínhamos tomado. Entretanto, sempre soube que aquele momento chegaria. Nunca fora fã de mentiras e omissões.



Lia sorriu um pouco de lado e não demonstrou nenhuma surpresa.

Klaus até tentou abrir a boca para fingir, mas não foi bem-sucedido. Eu o conhecia bem demais. Os seus trejeitos eram óbvios.

— Algo me diz que já sabiam disso. — acusei-os e aí sim, demonstraram genuína surpresa. *Pegos no flagra!* — Como souberam a respeito? Patrice disse algo?

Lia me encarou ainda mais surpresa.

— Patrice não comentou a respeito de nada. — ela falou, claramente, tentando buscar algo em sua memória. — Mas, estou ansiosa pra entender como ela soube disso antes. A não ser que isso tenha a ver com o fato de ela beber demais e acabar capotando na cama de Paul. — instigou-me a falar.

— Isso é uma história apenas dela. — rebati rapidamente. Não poderia entrar naquele assunto com Lia. Era algo que Patrice deveria contar. — Bom, acho que já colocamos tudo a limpo. Mas ainda quero entender como descobriram.

— Digamos que fui atrás de você no restaurante perto de casa, e acabei escutando parte da sua conversa com Paul. — Lia confessou, e a encarei completamente surpresa. — No fim, Klaus e eu tivemos uma discussão, mas acabamos ficando ainda mais unidos. — sorri, pensando que ao menos aquela revelação veio em um bom momento.

Temia que a revelação a respeito de minha armação com Paul fizesse com que Lia e Klaus se separassem. Porém, eles estavam noivos. Ficara ainda mais feliz por eles, ao saber que Lia o pediu em casamento, mesmo já sabendo de toda verdade.

— Aliás, precisamos comemorar de forma mais animada esse futuro casamento. — sugeri e Klaus fez uma leve careta. Ele não era a pessoa mais chegada em festas e confraternizações. — Se bem que

acredito que estão comemorando bastante, em particular. — provoquei e Klaus veio até mim, bagunçando meu cabelo. — Imbecil! — reclamei, mas sorri em seguida, batendo em seu braço.

— Pensamos em algo mais informal, só que na casa dos meus pais. Foi meio que um baque para Dominic Russel quando contamos que pedi Klaus em casamento. — Lia falou, com um sorriso nos lábios.

— Papai quase teve um infarto. — Klaus entrevistou, e segurei a gargalhada.

— Acho que essa será a minha função e de Paul. — levei as mãos ao rosto, sentindo-me uma adolescente preste a ser pega na mentira. — Vamos contar a ele e para os meus pais a verdade sobre o que houve. — desabafei, e respirei fundo em seguida. Não seria fácil ouvir, aos vinte e nove anos, sermão.

— Prepare-se para um longo discurso. — Klaus acusou, e apenas assenti, pois era a mais pura verdade.

Peguei a taça de vinho sobre o balcão de granito e tomei mais um longo gole. Klaus e Lia estavam abraçados, sentados em meu sofá, como um verdadeiro casal apaixonado. Aquela cena, me remetera ao passado, em que me senti tão à vontade com alguém, a ponto de passar a noite toda apenas conversando. A ponto de um sexo não ser necessário enquanto estávamos sozinhos.

— Está divagando. — a conclusão de Klaus me fez despertar, e tentei empurrar a imagem de T em minha mente para longe.

— Um pouco perdida, confesso. — forcei um sorriso, e Lia me analisou, claramente não aceitando minha resposta.

— Acho que seus pensamentos não estão aqui, e arrisco dizer, o seu coração também não.

Sorri diante de sua frase de romântica incurável, e reafirmei o porquê Lia escrevia tantos livros de romance. Ela claramente nascera com dom de encontrar beleza onde sequer imaginávamos e deixar o momento poético.

— Digamos que pode me ajudar com algo. — falei de uma vez, sem querer pensar muito a respeito.

Naquela tarde, ficara pensando em como chegar até Troian. Patrice era a opção número um, porém, a mais óbvia. Ela poderia soltar para ele que logo teria uma ligação, e assim, estragar o momento. *Que diabos de momento eu esperava?* Nem saberia explicar.

Porém, queria ter contato com T com sua guarda baixa, sem nada que pudesse nos afastar repentinamente. De certa forma, temia por sua reação. Quebrara seu coração no passado, e mesmo sabendo que fora o correto, ainda me doía aquela decisão. *Tentar retomar algo deixado a cinco anos era muita prepotência?* Teria que tentar e ao menos descobrir o que fomos, e mais, o que poderíamos ter sido. Por mais que as possibilidades me assustassem de forma esmagadora.

— Diga. — Lia respondeu sem sequer imaginar do que se tratava.

— Conhece Troian Messina, certo? — perguntei e Lia assentiu, franzindo o cenho. — Patrice deve ter lhe contado, mas após aquela bebedeira com Paul, ela tomou café comigo no dia seguinte.

— Sim, ela contou bem rapidamente sobre, e acho que estou começando a entender o porquê. — sorri de sua afirmação. Tanto ela quanto eu, acreditávamos que existia algo mais em Paul e Patrice.

— Então, o primo dela apareceu nesse mesmo café. — comentei. — Para você ver como Nova Iorque se torna pequena de repente.

— E agora...

— Quero o número dele. — confessei, temendo parecer um tanto desesperada.

Lia pareceu absorver tal afirmação, e logo passou seu celular para Klaus. Meu amigo sorriu em sua direção e digitou alguma coisa. Logo senti meu telefone vibrar e o olhei, sem entender ao certo como tudo parecia sincronizado. Pensar a respeito de T deixava-me menos perspicaz.

— Talvez Klaus tenha pegado meu celular e mandado uma mensagem importante para você.

Sorri amplamente, sem me conter, no momento que abri a mensagem de Lia, e vi o contato *dele*.

— Digamos que Troian é um tanto sistemático, então, prefiro culpar Klaus caso seja acusada de algo. — comentou, e piscou em minha direção.

— Obrigada. — falei, e respirei fundo, olhando mais uma vez para o contato.

Cinco anos depois, e finalmente, existia algo concreto a seu respeito. Não teria como fugir. *Não mais*. Precisávamos e merecíamos aquela conversa. Passara muito tempo, mas ainda assim, não o suficiente para que esquecesse a forma como aquele homem chegou até meu corpo, e principalmente, meu coração.



Horas depois, após tomar um banho quente, e me encontrar sozinha

dentro do apartamento, deitei-me na cama e encarei o teto. Mais uma vez, olhei para meu celular e tentei escrever uma mensagem, algo que pudesse ser o suficiente para falar com T. Porém, nada me viera em mente. Nada que parecesse o suficiente. Uma simples mensagem não era capaz de demonstrar o que queria, e ainda mais, o que quis um dia.

Joguei o aparelho longe e encarei o nada, pensando em absolutamente tudo. Fechei os olhos, e fora como, encontrar seu olhar glacial mais uma vez sobre os meus. Pensava em seu toque como se ainda pudesse queimar sobre minha pele. Pensava a respeito de seu cheiro, como se ainda pudesse senti-lo me impregnar. Pensava sobre sua voz, como se ainda pudesse ouvi-la sussurrando as palavras que tanto temia, quanto desejava desesperadamente. Pensava em seu coração, mesmo que existisse a possibilidade de nunca ter realmente me pertencido.

Ainda assim, adormeci. Mergulhada em minha covardia. Pensando nele.

Capítulo 4

“I, I loved you in secret
First sight, yeah, we love without reason
Oh, twenty-five years old
Oh, how were you to know?”^[6]

Treia

— Cara, vai ser foda!

Charlie falou animado, bebendo um logo gole de uísque. Passou a mão pelo cabelo ralo, e notei a nova tatuagem que emoldurava seu pescoço. O tempo realmente passou, e com ele, praticamente não tive contato com os velhos amigos. E até mesmo, a velha banda. Há quanto tempo não parava em um bar, com a iluminação ruim, e discutia a respeito de cair na estrada?

— Não parece tão animado, irmão. — Charlie comentou, claramente notando meu desinteresse.

Olhar para meu amigo, naquele momento, apenas me fazia viajar para a época onde conheci Diana. Ela se tornara importante para mim, assim como, conhecera toda a banda, e até mesmo, tornou-se amiga de alguns dos caras.

— Diana apareceu. — contei de uma vez, e Charlie cuspiu o uísque que acabara de colocar na boca. Sorri da cena, e ele tentou se recompor.

Ele fora um dos caras que mais gostou dela na época, e até mesmo, brigamos por aquilo.

— *Aquela* Diana? — perguntou, e deixou o copo de uísque de lado. Assenti e ele arregalou os olhos, absorvendo tal informação. — Como? Vocês simplesmente se esbarraram?

— Por mais incrível que pareça, assim como no passado... Nós nos encontramos por acaso, só que em um café. — comentei, e levei as mãos aos cabelos, fazendo um coque. Falar a respeito dela, parecia me sufocar. Talvez, fosse o tempo longo demais sem tê-la ao meu lado.

— Tem certeza? Diana, aquela gata mais velha, que dançava sensualmente e cantava da forma mais horrível? — perguntou, ainda sem acreditar.

Gargalhei, ao me lembrar de tal fato.

— É ela, cara. — reafirmei, e me lembrei de algo que descobrira há alguns dias ao pesquisar seu nome nas redes sociais. — Ela está namorando e parece ser algo sério. — as palavras saíram forçadas de minha boca.

Saber daquele fato, quebrou-me por inteiro. Mesmo sabendo que poderia não representar nada para ela. Ou melhor, poderia nunca ter representado. *O que deveria esperar?* Um abraço e um beijo de saudade? Diana foi a única que chegou até meu coração, assustando-me de forma devastadora. Assim como, a única a pisoteá-lo.

— Porra! — Charlie esbravejou e virou o resto de uísque em seu copo. — Você parece estar na *merda*, cara. Agora entendo o porquê.

— Nem eu entendo. — rebati, sem saber ao certo porque entramos em tal assunto.

Talvez pelo fato de que ninguém além da banda sabia sobre ela, e

Charlie em questão, fosse o único a realmente entender porque ela ainda parecia mexer tanto comigo.

— Mas como Dan e Rox estão? — perguntei, e ele franziu o cenho.

— Nem tente mudar de assunto, garoto. — odiava quando usavam tal apelido, ainda mais, porque era assim que ela me chamava. Charlie sabia como me provocar. — Não pode simplesmente jogar que Diana reapareceu, e fingir que não vamos falar sobre isso.

— Que *porra* de conversa de comadre é essa. — reclamei, e ele gargalhou.

— Você socou a minha cara por essa mulher, Troian. Não tem como fingir que ela não foi importante, e pelo jeito, ainda é. — constatou e o encarei sem muita vontade, mesmo sabendo que tinha razão. — O que falou com ela?

Respirei fundo, lembrando-me daquele dia, e tentando entender porque agi como um tremendo covarde. Talvez pelo fato de não saber o que esperar dela? Talvez pelo medo da confirmação de ter sido apenas mais um?

— Não conversamos. — Charlie me encarou estupefato. — Ela estava com Pat, e não soube como agir. — confessei minha covardia. — Ela até pediu meu número para Lia, amiga de Pat, lembra? — Charlie assentiu. — Mas preferi, simplesmente.... — sequer sabia explicar minhas ações. — Diana sempre foi algo...

— Por que ainda não foi atrás dela, *porra*? — indagou e me calei, sem saber o que responder.

Não existiam razões, a não ser o fato de que ela parecia completamente apaixonada pelo tal namorado. Encarar aquelas fotos, após finalmente criar uma rede social apenas para saber mais dela, fez-me

querer nunca as ter visto. Ver o sorriso em seu rosto, nos braços de outro, quebrou-me por inteiro. Tal constatação me aterrorizou, pois apenas significava uma coisa: Diana nunca se tornou uma parte do passado. Ela permanecera enraizada em mim.

A pergunta de meu amigo passou mais uma vez por minha mente, e não conseguia simplesmente responder que era por ela estar num relacionamento, e claramente, feliz. Era muito além. O medo de ser desprezado e deixado mais uma vez. O medo de nunca ter sido o que ela tanto parecia querer. O medo de não saber como agir diante dela depois de tantos anos.

— Vai logo, Troian! — Charlie praticamente ordenou. — Patrice deve ter o contato dela, não pode simplesmente aceitar que essa mulher apareceu por acaso no café, assim como, ela não apareceu por acaso a sua frente naquele pub. Não cometa os mesmos erros que eu!

Suspirei fundo e apenas assenti, sem saber o que lhe responder. Charlie quase nunca falava sobre si, mas sabia sobre sua dor. Sabia bem que a bebida, música e a estrada eram como calmantes para seu corpo. Para esquecer o que perdera um dia e que infelizmente, não teve a chance de reconquistar.

Tirei algumas notas do bolso e coloquei sobre o balcão. Fui até meu amigo e bati em suas costas, agradecendo o conselho mais sábio que poderia receber naquele dia. Saí do bar, e assim que a luz do final da tarde em Nova Iorque me atingiu, demorei alguns segundos para me acostumar. Saquei meu celular e entrei no perfil de Diana, e felizmente, o tal *instagram* era mais simples do que pensava para mexer.

Suspirei fundo e cliquei em “Mensagem”. Pensei no que digitar por alguns segundos e fiquei apenas paralisado, no meio da calçada, sem saber

o que dizer. Meu celular vibrou e a ligação de um desconhecido, fez-me soltar o ar que nem sabia que segurava. Como diria minha avó: *Salvo pelo gongo!*

Aceitei a ligação, mesmo sem saber quem era. De toda forma, precisava falar com alguém, mesmo que fosse apenas engano. Uma forma sensata de adiar o que logo se tornaria inadiável.

— Messina. — falei simplesmente, já esperando a pessoa do outro lado desligar. Entretanto, nada me preparara para o que viria a seguir.

— Oi, T.

Suspirei profundamente, e levei a mão livre até a testa, tentando me acalmar. Sua voz não era confundível. Estaria ficando louco?

— T?

— Diana? — perguntei, sem ainda acreditar que era realmente ela do outro lado da linha.

— *Fico feliz que não tenha esquecido minha voz. — comentou, e ouvi seu suspirar profundo. — Eu sei que não deveria, na verdade, nem sei o que devo fazer. Vou ser direta, nunca fui boa em enrolar. — riu baixinho, e o som de sua risada fez meu coração acelerar ainda mais. Como senti saudade daquilo! — Preciso te ver, T.*

— Dia...

— *Eu sei que a forma como as coisas terminaram... Eu sei que pode me odiar, mas não aceito esse sentimento. — sua voz determinada, como sempre, teve-me de joelhos.*

Eu precisava olhar em seus olhos e ter a certeza de que ainda éramos os mesmos. Mesmo com todos os anos e os rumos diferentes que a vida de ambos tomou.

— Podemos nos ver hoje? — perguntei, afoito, sem conseguir disfarçar minha real vontade.

— *Pode vir até meu apartamento? — seu pedido soou muito mais atrativo do que deveria.*

Ela era comprometida – recrimei-me. Diana era uma mulher íntegra, por mais que a desejasse, ela jamais trairia alguém. Conheci-a bem. Entretanto, não precisei pensar muito para dar a resposta, e ter a certeza de que iria até seu apartamento.

— Sim. — respirei fundo e tentei não parecer tão desesperado quanto realmente estava. — Que horas?

— *Pode ser agora, T. — engoli em seco, e tentei não gostar além do que deveria daquele apelido.*

Não soube o que dizer, nem mesmo como reagir. Ficamos ali, em silêncio, por alguns segundos. Era fim de tarde, e de repente, não consegui entender por que a vida nos colocava frente a frente mais uma vez. Falaria com ela, mas de alguma forma misteriosa, Diana se antecipara. Naquele momento, não poderia ser menos grato.

— Me passa o endereço por mensagem. — pedi, ainda pensando muito antes de dizer algo. — Estou indo para aí.

— *Não posso mentir, estou ansiosa por isso.*

Assim, ela desfez a ligação. Senti meu celular vibrar e sua mensagem chegou, com o endereço em detalhes. Salvei seu número e sorri ao nomeá-la como “Baby”. Sem pensar muito, parei um táxi que passava e lhe passei o endereço. Seria um reencontro real depois de cinco anos. Depois de cinco anos desejando que aquela mulher nunca tivesse saído de minha vida. Cinco anos pensando que talvez não tivesse passado de um sonho, o melhor deles.

Diana

O interfone tocou e meu coração falhou uma batida. Respondi um simples “sim” para o porteiro, liberando a entrada de Troian Messina. Aquele nome me perseguira desde o momento em que descobri que mentia a respeito. Não fora um grande choque, de imediato. Já havia feito o mesmo em algum momento. O problema, era o que nossa relação se tornou, e o quanto tempo tal mentira perdurara.

Parei a frente do grande espelho da sala de estar e passei a mão pelo vestido longo na cor branca. O tecido era leve, mas ainda assim, não parecia tanto quanto deveria. Algo em meu semblante, denotava claramente: eu estava em pânico. Suspirei profundamente e joguei os cachos para trás, fazendo um coque no alto da cabeça, tentando parecer a mais despojada possível. Encarei meu rosto com a leve maquiagem, e senti-me uma verdadeira adolescente. Aos vinte e nove anos, arrumava-me para simplesmente encarar o homem que abandonei, como se fosse algo casual. *O quão maluco parecia?*

A campainha soou e quase dei um pulo para trás. De alguma forma, ainda me sentia dentro de um sonho. Depois de tanto tempo, ter T em minha porta, era como realizar um de meus desejos mais secretos. Quantas noites imaginei que era ele? Quantas vezes me arrependi por deixá-lo para trás?

Virei-me, andando até a porta, como se a cada passo, parte de meu coração estivesse a ponto de se separar. Suspirei profundamente, mais uma vez, tentando buscar a calma interior, que sequer busquei em tantos anos. Era o poder que aquele homem exercia sobre mim. O qual fora tão arrebatador quanto assustador no passado.

Abri a porta, e no primeiro momento, não consegui sustentar seu olhar. Entretanto, não tinha como, simplesmente, ficar encarando meus próprios pés. Levantei meu olhar aos poucos, analisando-o desde os tênis de marca casual, até a jaqueta preta de couro. Tão ele, que parecia gritar que aquele era o *meu garoto*.

Nossos olhares se chocaram, e diferente do que acontecera no café, ele pareceu não esconder nada. Em seu olhar glacial, encontrei tudo aquilo que tanto esperei. Pois, mesmo inconsciente, o fiz. Busquei em muitos outros corpos, camas e desejos, o que apenas aquele olhar me delatara. Portanto, senti, que desde o momento que lhe disse adeus, nunca fora definitivo. Que esperei, ardentemente, para poder lhe ter a minha frente mais uma vez.

Para ser sua.

Abri a boca para dizer algo, mas as palavras pareceram presas em minha garganta, assim como, em minha alma. O que poderia dizer? O quão absurdo, depois de tanto tempo, seria me sentir de tal forma?

Sem saber como aconteceu, sem ao menos entender, apenas senti meu corpo se encontrar com o seu. Meu corpo fora empurrado para dentro, e logo, a porta se fechara. Troian não falou nada, apenas me olhou, como se quisesse entender o que aquilo significava. Eu também! – era tudo o que queria dizer.

Suas mãos tocaram meu rosto, e fechei os olhos, não acreditando

que mais uma vez estava ali, a sua mercê. Senti um leve carinho em minha bochecha esquerda, e subi minhas mãos de suas costas até seu pescoço. Toquei os cabelos loiros, tão macios quanto me lembrara, e ainda mais sedutores do que antes. Sorri, sentindo-me inebriada por sua presença.

Seu nariz desceu até o meu, seduzindo-me para ele. Senti-me fraquejar, e me segurei com força contra seu corpo. Porém, T parecia buscar algo. Que ainda não entendia bem o que era.

— Me diz. — sua voz soou rouca, encarando-me profundamente.
— Diz que não é dele.

Sorri, aliviada por não notar nenhuma mágoa em sua voz. Ao mesmo tempo, tendo a certeza, de que assim como eu, ele buscara saber mais sobre mim. Imaginei o quanto me ver com outro lhe machucara. Teria sido tão importante a ponto de lhe causar algo ao me ver com outro? Mesmo que não fosse real?

— Não. — toquei seu rosto, sentindo a barba sob minha palma. *O quanto senti falta daquilo?* Mais do que poderia dizer, e até mesmo, demonstrar. — Nunca fui dele.

Sem me responder, T demonstrou. Seus lábios encontraram os meus, tão rápido quanto meu coração disparou mais uma vez. Meu corpo foi levantado, e colocado contra a porta. Ali, como dois amantes com saudades. Ali, como duas almas que se necessitam. Ali, como partes de um amor que nunca fora vivido. Ali, como se ainda estivéssemos naquele quarto de hotel. Ali, como se fôssemos feitos para durar.

Capítulo 5

“We can't make
Any promises now, can we, babe?
But you can make me a drink.”^[7]

Treia

Nos afastamos pela falta de ar e a encarei sem saber ao certo para onde suas palavras me levariam. Estávamos a sós, em seu apartamento, frente a frente. Nossas bocas se reconheceram, tão prontamente, quanto nossos corpos. Não conseguia sequer raciocinar diante dela.

— Me desculpe. — falei, sem saber por onde começar. — Não devia agir com...

— Saudades? — indagou e sorriu abertamente, mas pude notar certa fragilidade em seu semblante.

Diana era tão transparente, que chegara a me assustar. Ela não parecia querer esconder seus sentimentos, ao menos, não de mim.

— Não precisa se desculpar por algo que ambos quisemos. — continuou e passou levemente a mão por meu peito.

Soltei seu corpo, e ela se endireitou em pé, sem quebrar o olhar em momento algum.

— Seus cabelos e barba estão maiores. — comentou, como em

aprovação. Senti-me um completo idiota, por não saber como agir a sua frente. — Cinco anos, T. — complementou e assenti, sentindo na boca o gosto amargo daquele tempo que passamos afastados. — No entanto, hoje parece que voltamos ao nosso primeiro beijo no quarto de hotel.

Sorri, tocando seu rosto com carinho, sem conseguir explicar como nossa intimidade não se perdera por completo com o passar do tempo. Suas palavras, no dia em que foi embora me atingiram em cheio. A forma como me declarei, e a forma como tal sentimento fora rechaçado. Eu a queria, tão loucamente, aos vinte anos de idade.

— Estou apaixonado por você, Diana. — declarei, no momento em que ela insistiu em fechar a grande mala de cor preta. Meu coração doía de forma devastadora. Eu a queria, estava certo daquilo. Nada mais importava. — Eu não quero que vá.

Ela se virou e me encarou com carinho, tocando meu rosto, uma lágrima solitária escorreu pelo seu.

— Ainda é novo, T. Novo demais para entender o quanto essas palavras significam. — tentei argumentar, mas seus dedos tocaram minha boca, calando-me. — Eu não queria ir, mas é o certo. Temos vidas opostas e queremos coisas completamente diferentes. Algo que estou aprendendo na dor, que amar muitas vezes não é o suficiente.

— É o bastante para nós. — falei, deixando o desespero tomar conta de meu ser.

Diana sorriu, e notei o quanto forçou tal feito. Sem conseguir me conter e entendendo que não conseguiria convencê-la, ao menos, não naquele instante, puxei-a para mim. Nos abraçamos, e naquele instante tive ainda mais certeza que a queria. Perdidamente.

— Hoje sou um homem, Diana. — falei, finalmente encontrando

minha voz. — Os anos passaram, mas eu me lembro bem do dia em que me deixou. — soltei de uma vez, e Diana respirou profundamente.

Suas mãos se afastaram e ela deu passos para o lado, para longe de me alcance.

— Doe demais agir daquela maneira, mas foi o certo. — falou, encarando-me com tristeza. — Pensei que um dia, se fosse real, nos encontraríamos.

— E aqui estamos. — complementei. — Isso muda algo? — indaguei, sentindo-me um pouco perdido.

O que tanto queríamos ao nos reencontrar? Reviver aquelas duas semanas de paixão? Ter a certeza de que o passado faz parte de seu próprio tempo?

— Quando te vi, no café, soube que as coisas entre nós nunca foram completamente esclarecidas. Nem mesmo seu próprio nome, Troian. — ouvi-la me chamar pelo nome era completamente estarrecedor. Culpava-me amargamente por ter mentido aquele fato. — O que confirma, que fiz o certo ao ir embora. Você era jovem, tinha uma estrada para desbravar, e mesmo quando se declarou, não admitiu o nome real.

— Eu... Eu realmente sinto muito. — falei, e felizmente, notei que não existia mágoa em seu olhar. — Eu tentei te odiar todos os dias após encontrar o quarto de hotel vazio, e apenas um bilhete sobre o travesseiro. — anos se passaram e nunca falara daquilo com alguém. As palavras saíram de forma esmagadora de minha boca, como se a realidade fosse colocada em jogo. Diana me deixara no passado. — Mas nunca obtive êxito. Sempre que me lembrava de você, de nós... Lembrei de todos os momentos em que me fez sorrir.

— Eu também. — sua voz doce me atingiu, e notei uma lágrima

percorrer seu rosto. — Eu sabia o seu nome, mesmo assim, optei por nunca o usar. — confessou de repente, e a encarei estático.

— Como assim?

— Um dia, você deixou sua carteira cair no chão, e fui colocá-la em algum lugar. Vi sua carteira de motorista. — contou e fiquei completamente estupefato. — Foi perto do dia em que iria embora. Mas saiba, que iria de qualquer maneira. Você me contar seu nome ou não, não mudaria tal decisão.

E ali estava, Diana Carter, determinada ao extremo. Era uma das características que mais admirava nela, mesmo que para muitos pudesse ser irritante. Diana não media palavras diante da reação alheia. Ao contrário de mim, ela simplesmente falava. Era o tipo de pessoa reservada e que conversava estritamente o necessário com quem não conhecia de fato. Éramos opostos.

— Eu nem sei o que dizer. — fui sincero.

— Acho que merecemos uma boa comida e um vinho para conversar... O que acha? — sugeri e assenti, perdido diante da bela mulher a minha frente.

Se Diana soubesse, o quanto ainda mexia com meu corpo e alma...

Entretanto, naquela momento, deixaria a vida acontecer. Não poderia simplesmente reafirmar o que sentia no passado. Em minha mente, merecia uma segunda chance com ela. Para assim, nos conhecermos novamente, e quem sabe, chegarmos a deixar os sentimentos falarem por si.

Por enquanto, apenas viveria o momento.

Segui-a até onde notei ser sua sala de estar, e ela logo me pediu para ficar à vontade. Não sabia bem o que fazer ou como fingir estar

confortável naquele lugar. Era o seu lugar, seu lar... Sentia-me como um intruso, na realidade. Mesmo a contragosto, sentei-me no sofá e observei os quadros espalhados pela parede ao lado da televisão. Era nítido, ali, o quanto amava os tais irmãos Russel. Em sua maioria, eram fotos com eles.

Mudei meu foco, sem querer pensar muito sobre aquilo, mesmo sabendo que se tornaria alguma pauta de conversa naquela noite. Observei o caminhar de Diana até a cozinha, e suspirei profundamente, sentindo-me ainda mais atraído por ela. Existia algo nela que me atraía de forma assustadora e nunca soube decifrar, nem mesmo questioneei. Na realidade, era todo o conjunto. Desde os cabelos cacheados e rebeldes; a pele negra e macia; o olhar castanho claro, sedutor e determinado; o caminhar imponente; o sorriso que entregava toda sua dor ou felicidade.

A frase de Charlie me veio em mente, na primeira vez em que lhes apresentei. *Ela é um verdadeiro mistério. Não faço ideia do que essa mulher está achando do lugar.*

O lugar em questão era o bar onde regularmente tocávamos e quase sempre, a dona, nos deixava ensaiar. Porém, o que fez tal frase ficar em minha mente, foi pelo fato de que ele traduziu Diana de uma forma que nunca a vi. Ela parecia ser transparente para mim, parecia se entregar por completo. O que mais me doeu no passado, quando me deixou, foi não entender os sinais e os porquês. Sempre pensei que o amor que sentia fosse correspondido. Ledo engano.

— Dizem que quando astros do rock pensam demais, estão compondo músicas. — sua voz me trouxe para realidade, e sorri, ao me virar e encontrá-la com uma cerveja em mãos, e outra em minha direção. — Da sala até a cozinha, me lembrei de que não somos pessoas de vinho.

— Acho que nunca serei. — compactuei com sua certeza do

passado, e ela sorriu de lado. — Mas não sou um astro do rock, Diana. — pisquei em sua direção, e ela me surpreendeu, sentando-se no tapete, a minha frente, para em seguida, encarar-me profundamente.

— Bom, sempre te olhei como um. — confessou e não poderia mentir que meu coração disparou naquele momento. Existiam poucas pessoas que realmente acreditavam nos sonhos alheios, e Diana, parecia ser uma delas. Mesmo que ser um astro não fosse meu objetivo de vida, saber que ela acreditava em mim, bastava. — Acho que te considerei meu astro favorito de rock por um longo tempo.

— Não deve ter conhecido muitos então. — caçoei de mim mesmo e ela sorriu, tomando mais um gole de sua cerveja.

— Na realidade, conheci Nick Miles em uma de minhas viagens a negócios. — segurei-me para não engasgar com a cerveja, que desceu de forma obrigada por minha garganta. Nick Miles, não era nada menos que o melhor guitarrista da década, e fazia parte da banda de rock mais bem-sucedida de todos os tempos – a 93 million miles.

— E? — perguntei, quando notei seu silêncio. Diana deu de ombros, como se não fosse uma lembrança ou momento importante.

— Conversamos e foi legal. — sorriu abertamente, como se me analisasse. — Não me diga que tem ciúmes de mim, T. — provocou e passou a mão pelo rosto olhando-me, como se buscasse alguma resposta em meu semblante. — Sua pergunta sobre Paul não me surpreendeu, mas ciúmes de Nick Miles... Isso me pegou desprevenida.

— Tão modesta. — rebati e Diana gargalhou, deixando sua cerveja de lado. — Não tenho como ter ciúme do que não é meu, Diana. Ou melhor, do que nunca foi. — soltei de uma vez, e me arrependi no segundo seguinte.

Diana fez uma leve careta e mexeu no cabelo, soltando-o do coque antes no alto da cabeça. Como ela conseguia ficar ainda mais linda a cada segundo?

— Não quero discutir sobre o se passou, mas sei que precisamos. — falou, e notei sua voz um pouco diferente. — Mas pode só não ser hoje? — indagou e entendi o que queria dizer. — Acho que.. Quer dizer, tenho certeza que só quero ficar aqui, olhando para você.

Sorri de sua fala, e não pude concordar menos. O passado podia esperar algumas horas, assim como, alguns esclarecimentos. Confiava na palavra de Diana, assim como o fiz no passado. Ela nunca traiu tal coisa, e algo me dizia, não o faria naquele momento.

— Vem aqui. — pedi, e aquela frase de apenas duas palavras, significaram muito mais do que seria para a maioria das pessoas. Para nós, sempre fora como um convite para simplesmente estarmos juntos.

Em duas semanas no passado, tive aquela mulher como minha. Eu pedia, ela vinha. Ela pedia, eu ia. Hoje, nos encontrávamos na mesma situação. *O quão esperto era o destino?* Para nos encontrarmos em um momento em que todos os sentimentos pareciam apenas prontos para acordar. Ao menos, comigo.

Diana veio. Sentou-se em meu colo, e buscou rapidamente minha boca, dando um leve beijo. Deixei a garrafa de cerveja de lado, e a abracei em meu colo, levando uma de minhas mãos até seu rosto, analisando-o como sempre amei fazer. Olhar para ela me despertava sensações de plenitude e felicidade. Diana me trazia algo que nunca imaginei ter, não naquela intensidade.

— Senti tanto a sua falta. — confessei, sem medo.

Encostei minha cabeça em seu peito, e senti seus braços ao redor de

meu corpo. Éramos um emaranhado, nossos corpos se tocavam em busca de aplacar a saudade. Ao menos, a minha, ainda não se foi. Precisava de mais, um *mais* que não saberia até quanto duraria. E temia por completo um prazo de validade.

— Eu senti mais, garoto.

Sorri e pela primeira vez, em cinco anos, senti-me confortável diante de tal apelido. Assim como, não precisava implorar para a outra pessoa parar de chamar de tal forma, porque me lembrava *ela*. Naquele momento, era ela me chamando como sempre o fez. Garoto ou T, sempre foram suas marcas registradas em minha memória. Esperava que um dia, ela me enxergasse além daquilo.

Capítulo 6

“All of this silence and patience
Pining and desperately waiting
My hands are shaking from all this.”^[8]

Diana

Não conseguia dormir, não sabendo que Troian estava deitado ao meu lado. Sua respiração era baixa e controlada, assim como, as batidas de seu coração. Não conseguia me afastar, mesmo que não quisesse perturbar seu sono. Troian era como uma droga, trazia o melhor e pior de mim ao mesmo tempo.

Ele era quatro anos mais novo, mas idade nunca me pareceu um problema. Não até o momento em que se declarou e me pediu para ficar. Eu precisava ir, assim como ele precisava seguir com sua vida. Nunca escolheria algo que pudesse prejudicá-lo. Ficarmos juntos, naquela época, o faria. Mesmo não podendo saber ao certo o que ocorreria.

Ele tinha apenas vinte anos, e pelo que sabia, logo voltaria para a faculdade de música, enquanto isso, rodaria o Canadá cantando em bares, restaurantes e onde mais pudesse. Ele era livre. Eu tinha vinte e quatro anos, lutando a todo custo para me tornar a chefe do departamento de marketing da empresa dos Russel. Eu tinha amarras fortes.

Passei a mão por seu cabelo loiro e suspirei, sentindo-me apaixonar mais uma vez. Como se fosse instantâneo, como naquela noite que o vi pela primeira vez. Nunca acreditei em amor à primeira vista, diga-se de passagem. Entretanto, olhar para ele me fazia tão bem, que comecei a cogitar tal possibilidade, a qual, escondi no âmago de minha alma. Escondi o que sentia, ao menos, as palavras que confirmariam.

T sempre pareceu me ler, o que ninguém mais conseguia. Portanto, meus sentimentos gritavam em gestos, mas não em palavras. *Como duas semanas com aquele homem significaram tanto?* Passei um longo tempo indagando sobre. Muitas vezes, ouvi meus pais falarem sobre o amor, e como começaram tudo. O deles nasceu da raiva que sentiam um do outro, que de repente, em um final de semana, se transformou em uma paixão desenfreada, que acarretou o amor. T e eu seríamos o mesmo caso? Ou melhor, os meus sentimentos por T seriam assim?

— Dizem que quando uma mulher de humanas te olha muito, ela deve estar criando sobre. — sua voz rouca e baixa me pegou de surpresa.

Levei a mão ao peito, um pouco assustada por estar acordado. Como imaginei, ele me lia muito bem. Mesmo de olhos fechados, parecia saber que precisava me deixar observá-lo.

— Eu sou arte, e sempre serei. — confessei, e seus lindos olhos verdes se abriram. Eu amava a cor sem definição. — Desde quando está acordado? — perguntei, e T pareceu pensar um pouco.

Convidei-o para ficar, sem segundas intenções. O sexo ainda parecia algo distante para nós, como se tal conexão significasse *mais*. Entretanto, se fosse apenas daquela maneira que soubéssemos amar?

— Desde que senti que era observado. — comentou.

— Acho que faz um bom tempo, então. — confessei, e ele franziu

o cenho.

— Não consegue dormir? — perguntou, e neguei com a cabeça. — Por que?

— Acho que estar na mesma cama com você depois de tanto tempo, me faz querer apenas olhar, pra saber que é real. — falei de uma vez, o que tanto me sufocava ao vê-lo tão à vontade ao meu lado.

Suas mãos tocaram as minhas, levando-as até sua boca, onde depositou carinhosos beijos. Seus beijos subiram até meu antebraço, e surpreendendo-me, T chegou até meu pescoço, ajeitando-se melhor na cama. Foi impossível impedir as sensações que me causava. Meu corpo era desperto pelo seu, até mesmo, sob o menor toque.

— Estamos agindo como estranhos que se conhecem ocasionalmente. — sua voz rouca me atingiu, e logo senti seus lábios em minha orelha. — Nunca fomos fãs de sutileza ou fingir algo, Diana. O que aconteceu com a gente? — perguntou, e seu rosto voltou para o meu, encarando-me profundamente.

Aproveitei da forma que estava meio inclinado sobre a cama, e passei uma de minhas pernas sobre sua cintura, sentando-me sobre seu corpo, prendendo-o sobre o meu. O olhar de T se transformou, tornando-se escuro. A escuridão mais linda que já pude encontrar diante de onde se encontrara minha cor favorita do mundo – seus olhos.

— Eu não sei porquê, mas você me tem feito pensar mais do que faço normalmente. Até mesmo, mais do que deveria. — confessei, e desci meu rosto para o seu.

— Nunca precisou fingir nada para mim, Diana. Não precisamos disso agora. — assenti, diante de minha maior perdição.

Quantas vezes sonhei com aquela exata cena? Troian Messina,

deitado em minha cama, sob meu corpo, olhando-me como se representasse tudo aquilo que realmente desejava.

— Tudo foi rápido no passado, eu sei... — calou-se, parecendo buscar as palavras certas. T sendo T.

Sorri, finalmente, minha mente encontrando o caminho certo. Lembrando-me do que realmente acreditava significar algo para nós.

— Talvez essa seja à nossa maneira de amar, T. — falei, e uma de suas mãos subiu até meus cabelos, levando-me para mais perto dele. Um fio de cabelo de distância de sua boca. — Talvez essa seja à nossa maneira de dizer o que somos e o quanto significamos.

— Mas o jeito que você me tem na cama, baby... — sua voz, carregada pelo desejo, fez-me ficar completamente entregue em suas mãos. — Nunca foi rápida.

— Me tenha, T. — falei, em seus lábios, e não fora preciso mais nada.

Uma de suas mãos se apossou de minhas costas, enquanto a outra se infiltrou sobre meus cabelos. Nossos lábios se chocaram e não pude evitar gemer em sua boca. Era aquilo que tirara meu sono. Saber que estava ao lado do homem que despertava o lado mais libertino de meu ser, e não poder lhe tocar.

Nossos corpos se reconheceram de forma devastadora, e em poucos segundos, encontrei-me nua sobre ele, que retirava afoitamente a última peça que lhe sobrara. Roupas fora, e de repente, a pressa acabou. Nossas peles se tocavam, e T não parecia decidido a simplesmente me ter. Ele queria mais, assim como eu.

Meu corpo foi virado contra a cama, e logo seus toques se espalharam por cada pedaço. Suas mãos percorriam minha pele, como se

extasiado, e seus olhos, me encaravam a cada instante. Logo seus lábios buscaram os meus, como se para confirmar que era real. Fiz o mesmo, reconhecendo-o como meu. Mesmo que não fosse. Mesmo que no dia seguinte nada mais existisse. Naquele momento, T era meu, mais uma vez.

Nos desbravamos como se em busca de algo que apenas o prazer um do outro poderia nos presentear. Seu corpo pairou sobre o meu, assim como, implorando para que me tomasse. Existia muitas coisas que tomava as rédeas em minha vida, mas naquele momento, queria apenas que T me levasse para o prazer. Não queria pensar, determinar ou pedir nada. Queria que ele me entendesse, apenas com nossos corpos. E ele o fazia, assim como, o fez.

Sua boca subiu sobre meus seios e senti o hálito quente em meu mamilo esquerdo, fazendo com que o desejo inflamasse ainda mais. Troian me analisava, e assim que o puxei para um beijo profundo, ele uniu nossos corpos. Como o bater de asas de uma borboleta pode causar um tsunami do outro lado mundo, T me entregara o nirvana que desde que o deixei, nunca mais sentira. Não daquela forma.

Contudo, ele queria mais, assim como eu. Sua boca ficou a centímetros da minha, assim como, seus olhos não quebraram nossa ligação. Levei as mãos a suas costas e cravei minhas unhas, sentindo todo o nosso desejo inflamar. A cada encontro de nossos corpos, senti-me mais perto do limite. Mais perto de lhe entregar o que tanto guardei. Assim como a canção que cantou para mim, e depois traduziu por completo.

Meu corpo se entregou, no momento em que o seu fez o mesmo. Éramos um, mais uma vez. E pude afirmar, que era a nossa forma de amar, mesmo que errada aos olhares alheios. Nossos corpos se acalmaram, e assim que nossos lábios se encontram mais uma vez, segurei-me para não deixar com que os sentimentos voassem de minha boca. Parecia tão claro,

que o medo, o qual ele sentira no passado me atingiu. Não queria perdê-lo. Não daquela vez.

O que sentia ainda vivera, mesmo depois de cinco anos. Porque para ele, guardara todo o amor que nunca soube dar. A música se passara por minha mente, como se confirmando o furacão de emoções que me atingiu.

*“Eu e você,
não é assim tão complicado, não é difícil perceber
Quem de nós dois
Vai dizer que é impossível, o amor acontecer
Se eu disser que já nem sinto nada
Que a estrada sem você é mais segura
Eu sei, você vai rir da minha cara
Eu já conheço o teu sorriso,
Leio o teu olhar
Teu sorriso é só disfarce
E eu já nem preciso.”^[9]*

Capítulo 7

“My name is whatever you decide
And I'm just gonna call you mine
I'm insane, but I'm your baby
Echoes of your name inside my mind.”^[10]

Diana

O momento perfeito de repente pareceu se dissolver. O medo do dia seguinte fez todo sentido, quando acordei sozinha em minha cama, sem qualquer sinal *dele* pelo apartamento. Ele simplesmente sumiu, mandando uma mensagem na noite daquele dia, dizendo que queria muito estar ao meu lado quando acordasse. Pelo jeito querer, realmente, não era poder.

Sei que de repente todas as minhas muralhas subiram mais uma vez, e não pude deixar de sentir ainda mais medo. Porque o T do passado parecia estar no presente, porém, além das características boas, as ruins ainda permaneciam. Assim como escondera seu verdadeiro nome no passado e até mesmo tentou mentir sua idade certa vez, ele escondia algo mais. Algo que nos mantinha afastados.

Tentei simplesmente esquecer o que houve e o ignorar pelo tempo que conseguisse. Infelizmente ou não, o tempo durou cerca de algumas horas e resolvi responder sua mensagem. Sentia-me em risco constante, sem saber ao certo como agir ou o que dizer. Não teria como obrigá-lo a

me contar o que acontecia, e mais, minha própria vida necessitava de atenção.

Desviei o olhar da tela do computador, que me mostrava os rascunhos feitos por estagiários de meu departamento. Não conseguia sequer me concentrar e escolher qual deles captara de forma melhor a ideia principal da campanha. Sentia-me frustrada. Não tinha cabeça para nada, mal conseguia pensar sobre o trabalho.

Apenas uma vez na vida me senti de tal forma, e fora quando rompera com T. Demorei cerca de um mês para voltar à ativa. Desta vez, sentia-me esgotada. Como uma noite com ele pudera me acarretar tantos questionamentos e medos? Por que não pulava a página e seguia em frente?

Porque era ele.

Suspirei, desabando sobre a mesa, com as mãos esticadas. Escutei dois toques na porta e não fiz questão de mudar de posição. Só poderia ser minha assistente, e com toda certeza, não se surpreenderia com aquela cena.

— Senhorita Carter.

— Sim. — respondi, ainda sem levantar o rosto e Tasha soltou uma risadinha. — Sem zombar da chefe, em. — provoquei, ainda de cabeça baixa.

— Bom... — limpou a garganta antes de continuar. — Chegou a passagem para o Brasil, além dos dados de sua hospedagem e muito mais. Consegui estender sua estadia lá, como pediu.

O que?

Levantei-me no mesmo instante, quase pulando da cadeira. O desempenho de meu corpo não conseguiu acompanhar minha mente, e

meu joelho foi de encontro com o tampo de vidro.

— Puta merda! — xinguei, e fiz uma careta de dor, sentindo-o latejar.

Tasha me encarou perplexa, talvez pelo fato de raramente me ouvir xingar. Ela trabalhava como minha assistente há mais de três anos, e quase nunca me via em dias ruins. Não que fosse isenta deles, eram até muitos para minha sobrecarga emocional. Entretanto, o diferencial daquela cena, era um dos raros, mas existentes dias, em que demonstrava o que realmente sentia.

— Tudo bem, senhorita Carter? — perguntou e deu dois passos à frente, olhando-me preocupada.

— Pode me chamar de Diana, sabe disso, não é? — indaguei e ela assentiu.

Tasha era boa no que fazia, e parecia gostar um tanto quanto de me tratar com formalidades. Talvez porque muitas pessoas na empresa achavam desrespeitoso chamar o chefe pelo primeiro nome, mesmo que não existissem regras a respeito. Cada qual com sua escolha.

Andei meio sem jeito para mais perto e peguei a pasta transparente que me ofereceu. Olhei para os papéis ainda um pouco perdida, enquanto meu joelho latejava de forma estrondosa.

— Quer um pouco de gelo? — perguntou e neguei com a cabeça.

— *Tá* tudo bem. — respondi e fiz uma careta ao me mover em direção a mesa. Pensei mais uma vez, e desisti, indo até a poltrona perto das grandes janelas de vidro. Não correria o risco de entrar numa luta não planejada com o tampo novamente. — Obrigada, Tasha.

— Com licença, senhorita. — pediu e silenciosamente saiu de minha sala.

Folheando os papéis, notei as datas a respeito das tão esperadas férias que teria. Finalmente, lembrando-me, que pedira a Tasha para estender o prazo de uma semana para um mês no Brasil. Aquela viagem estava planejada há tempos, uma forma de obrigar tanto a mim quanto Klaus a descansar. Entretanto, o presente nos surpreendeu o bastante, e no fim, o certo fora cancelar a sua passagem.

Segurando aqueles papéis, comecei a ponderar sobre o que fazer. A viagem seria para dali uma semana, tudo milimetricamente calculado por Tasha. Pensei a respeito de como seria, passar o próximo mês em um país que há muito tempo não visitava. Ainda mais, porque o objetivo era buscar ficar quieta e descansar. Como faria isso depois de reencontrar T e não conseguir tirá-lo de minha mente? O tanto que ele parecia ter voltado para minha vida, naquele instante, parecia estar fora da mesma.

— Diana, Diana... — falei para o nada, e fiquei repensando o que fazer.

Não queria viajar sem saber como seguiríamos dali por diante. Porém, não obtivera resposta alguma de T a respeito de nos vermos. Levantei-me e fui até a mesa, pegando meu celular. A mensagem permanecia sem resposta, e não soube como encarar tal fato. Sentia-me refém daquele sentimento, sem sequer conseguir determiná-lo. Precisava me acalmar, ou simplesmente piraria. T tinha razões, com toda certeza, para estar longe. Talvez não quer olhar para você – minha racionalidade me repreendeu.

Ele não me pertencia, assim como ele não era meu dono. *O que diabos estava acontecendo comigo?*

Resolvi digitar uma mensagem e tomei minha decisão. Precisava esvaziar minha mente e quem sabe, encontrar o que tanto me agonizava.

Não era uma pessoa paciente, mas me sentia consumida por não saber sobre ele. Ansiedade. Aquela era a palavra que se passava em minha mente.

Balancei a cabeça tentando fugir de meus próprios demônios. Sentindo a ansiedade que sempre permanecia em meu ser, que sempre parecia me consumir, voltar com força. Respirei profundamente e mandei uma mensagem para meus amigos, e em seguida para T. Iria viajar, era minha decisão final. Precisava cuidar de minha mente, assim com planejava. O ano estava sendo exaustivo assim como todas as responsabilidades.

Sempre fora a pessoa a estender a mão para o outro, e naquele momento, vendo-me ser a segunda opção de alguém, senti-me completamente abandonada. Ainda mais, no momento em que meus melhores amigos viviam seu próprio conto de fadas. Lembrei-me de Tiana, a princesa da Disney que tinha um nome quase idêntico ao meu, assim como, batalhou arduamente pelo que queria. Ela nunca esquecerá do que realmente importava, e eu me encontrava a ponto de começar a esquecer... Relacionando minha realidade a um filme que até então deveria passar ensinamentos para crianças.

Suspirei, sentindo o ar faltar, sabendo que estava a ponto de voltar para o que jurei lutar contra, para sempre. Segurei-me contra o tampo da mesa, encarando-a como minha aliada. Meu celular vibrou e o ignorei por alguns segundos, sem conseguir me concentrar em mais nada que não fosse minha respiração. Segundos depois, consegui respirar normalmente.

Encarei o aparelho e li as mensagens de meus amigos, confirmando o jantar de naquela noite. Lia me intimou para que fosse no apartamento de Klaus, que logo dividiriam. Sorri, diante de tanto carinho. Era aquilo que precisava, na maioria das vezes. Sentia-me só, não por não estar em

relacionamento. Era o tipo de solidão que lhe acomete mesmo em meio a um milhão de pessoas, e com um amante em sua cama. Era o tipo que a maioria indicava remédios como cura, mesmo que eles não fossem a solução completa. Eram parte.

A resposta de T não veio, assim como, nenhuma ligação. Notei que ele sequer recebera a mensagem. Levei as mãos à cabeça, pensando em como me sentia em relação a ele. O amor que me fizera transbordar no passado, mesmo que não pudéssemos ficar juntos. Não naquele momento. Não poderia eu, estragar tudo por ter partes a cicatrizar. Partes de minha alma.

Uma reviravolta de sentimentos. Sentia-me em meio a uma avalanche, sendo levada ao extremo. Não era apenas ele, jamais seria. O reencontro de T vinha juntamente com a leva de maior caos de minha vida. Naquele momento, soube que precisava me resolver. Precisava me entender, para poder estar ao lado de T, se este fosse o nosso destino.

Capítulo 8

“Knew he was a killer first time that I saw him
Wondered how many girls he had loved and left haunted
But if he's a ghost, then I can be a phantom
Holding him for ransom.”^[11]

Diana

Olhei mais uma vez para o reflexo no espelho e deixei a música de uma de minhas cantoras favoritas invadir o ambiente. Ela parecia me descrever naquele momento, ao falar tão abertamente sobre ansiedade.

*“Feel like I'm always apologizing for feeling
Like I'm out of my mind when I'm doing just fine
And my exes all say that I'm hard to deal with
And I admit it, yeah”*^[12]

Cantei junto a música, enquanto aplicava mais um pouco de rímel. Julia Michaels^[13] apenas mostrava o quanto ter ansiedade era uma imersão em emoções sem controle. Sentia-me em um momento de extremos. O trabalho começara a me sufocar, mesmo que tentasse a todo custo esconder

tal sentimento em meu interior. Estava esgotada por trabalhar mais do que realmente deveria. Sempre fui o tipo de pessoa workaholic, onde o trabalho vem em primeiro lugar, sem conseguir pensar em outra coisa como prioridade. Nem mesmo minha própria saúde. Sorri tristemente para meu reflexo, e notei o quanto apenas me deixei levar.

Minha família era próxima e sempre me deram todo suporte, assim como, me pediam para ir com calma. Já perdi as contas de quantas vezes me pediram para diminuir o ritmo, e tentar focar em outras áreas de minha vida. Eu o fazia, tentando ajudar a quem amava. Olhando ao redor, sabia que obtive êxito na maior parte. Klaus e Paul estavam felizes e meus pais pareciam em eterna lua de mel. Tio Dom era mais complicado de se ajudar, por conta de ser ainda mais fechado do que os filhos, mas poderia jurar que estava feliz.

Finalmente, após passar todas as áreas, chegava a mim. Onde não fazia ideia do que fazer ou como me ajudar. Os sintomas que tanto tentei me acostumar e lutar contra, voltavam a me atormentar, de forma devastadora. A volta de T a minha vida foi como um bálsamo, mas ao mesmo tempo, reviveu várias inseguranças, que desencadeiam tudo aquilo que não queria admitir.

Para o mundo, eu era forte e imponente, resolvia problemas sérios em meu café da manhã. Nem as pessoas mais próximas conseguiam me ler se não permitisse. Era a rocha deles, como papai dizia. Porém, a frente de T sentia-me uma pluma. Para ele, não importava querer ou não demonstrar, ele me lia. Assim como o fez no passado. Ele não pedia permissão, ele simplesmente me tinha. Tal sentimento me assustava, porque muitas vezes, acreditei que aquelas duas semanas no passado com o cara mais novo, foram superestimados em minha mente. Não foram. De maneira alguma.

Estar perto de T era como me abrir de forma silenciosa, dando-lhe

o aval para me conhecer. Assustava-me por não saber até onde me levaria tal sentimento. Sempre fora controladora e centrada, e ele me fazia perder qualquer noção das duas coisas. Dentro de um grande caldeirão de meus maiores medos, encontrava-me naquele exato momento. Sentindo meu corpo lutar para permanecer feliz, enquanto por dentro, parecia desmoronar.

*“But all my friends, they don't know what it's like, what it's like
They don't understand why I can't sleep through the night
I've been told that I could take something to fix it
Damn, I wish it, I wish it was that simple, ah”^[14]*

Suspirei profundamente, após cantar junto a música. Percebia que a idade ajudara um pouco, mas não era a solução para superar tais problemas. As doenças psicológicas simplesmente vieram, e tudo o que pude fazer foi lutar contra, e buscar equilíbrio. O que não era possível sozinho, infelizmente. Mesmo que o primeiro passo tenha que ser meu. Desde os dezoito, sabia bem daquilo. Teria que admitir, a terapia me fazia falta.

Limpei algumas lágrimas que descera e tentei ajeitar a maquiagem. Precisava me apressar e ir ao apartamento de Klaus. Seria uma noite para me despedir e ao mesmo tempo comemorar a viagem para o Brasil. Ainda faltava uma semana, mas queria começar a me cuidar neste meio tempo. O som da campainha me pegou de surpresa e me levantei.

Andei até a porta, e ao encarar o olho mágico, meu coração simplesmente disparou. Destranquei-a e abri, sendo presenteada com a figura de T, que consigo, trazia um buquê de rosas brancas. Sorri, sem

conseguir me conter. Mesmo que estivesse desmoronando, receber aquele gesto de carinho, era como a vida jogando na cara o tamanho da sorte que tinha.

Agradei internamente, ao mesmo tempo em que tentava chutar minha ansiedade junto ao pânico para algum abismo dentro de mim.

— Ei! — sua voz rouca me atingiu, e ele me entregou as flores.

Peguei-as e sorri, agradecendo-lhe.

— Desculpe ter sumido assim, eu... — ele pareceu pensar um pouco, e o encarei desconfiada. T me escondia algo, era claro. Temia pelo que fosse.

— Tudo bem. — falei, tentando jogar minhas inseguranças para longe.

Ele estava ali por mim, não era? Porque pensar que existia alguém em sua vida? Ele não precisava voltar, mas o fez.

— Tive um problema com o celular e não consegui te responder ou ligar. — esclareceu, e comecei a entender porque minhas mensagens depois de um tempo pararam de chegar. — A propósito, está linda.

— Obrigada. — falei, encarando meu vestido na cor preta, que delineava perfeitamente meu corpo, assim como as botas na mesma cor de cano alto. — Que tal entrar? — ofereci-lhe espaço, mas ele não se mexeu.

— Parece de saída, acho que...

— Sim, um jantar no *apê* de Klaus. — esclareci. — Te convidei, mas acho que sequer viu essa mensagem.

Seu cenho franzido se desfez e ele assentiu, como se entendesse o que acontecia.

— Que tal ir comigo? — convidei, temendo um pouco por sua

resposta. Conhecer meus amigos era como encarar parte de minha família.
Estava me precipitando?

— Por que não? — perguntou e sorriu de lado. — Já está pronta?

— Sim, só preciso pegar minha carteira. — avisei e me virei para ir até onde me lembrava de ter deixado.

Entretanto, fui puxada por sua mão, e logo meu peito bateu contra o seu. As rosas ficaram amassadas entre nós. Ele sorriu, tocando meu rosto com carinho. Parecia querer me dizer algo, mas como antes, não deixou palavras saírem. Seus lábios encontraram os meus, como se para me marcar mais uma vez. E ele o fez. Beije-o com a saudade que sequer conseguia determinar, e o desespero de quem parecia entender que existia prazo de validade.



Minutos depois chegamos a porta de Klaus, e uma Patrice sorridente nos recebeu. Abracei-a com carinho e ela fez o mesmo. Assim que nos afastamos, notei o olhar surpreso em seu rosto ao encontrar T do meu lado esquerdo. Patrice engoliu em seco e fiquei ainda mais intrigada.

— Troian? — chamou por ele, e resolvi me afastar.

Não sabia como lhe explicar o que éramos. Troian e eu tínhamos um passado, e no momento, estávamos tentando algo que sequer saberia denominar. Não existiam explicações, não ali.

— O encontrei perdido no Central Park. — menti descaradamente,

e sorri em seguida, tentando parecer convincente. Não era nem um pouco boa em tal coisa.

Adentrei o apartamento, em busca de meus amigos. Os questionamentos e interrogatório sobre T e eu ficariam para outro dia. Cheguei primeiro até Paul e lhe dei um abraço. Notei seu corpo enrijecer assim que nos afastamos, e antes de ir até Lia, virei-me na direção que Paul sequer desviava o olhar.

Troian e Patrice se abraçavam, e algo parecia um tanto estranho no ar. Não saberia dizer se pelo fato de Patrice e Paul estarem tendo algo, ou ainda mais, por não saber como me sentir diante daquilo. Ainda mais por não ter esclarecido por completo para T sobre o meu namoro falso com Paul. Olhei de relance para Lia, que observava tudo com um olhar perdido, como se também desconfiasse de algo. *O que estava acontecendo ali?*

Assim que se afastaram, Patrice o trouxe para mais perto e fez questão de me adiantar, e tentar entender o porquê todos, menos Klaus e eu, pareciam estar tão desconfiados. Até mesmo Patrice mostrava um semblante tenso.

— Acho que o único que não conhece é Paul. — falei, instigando os dois a se cumprimentarem, e torcendo para que aquela tensão fosse apenas impressão. — Paul esse é Troian Messina... — pensei em como apresentá-lo, mesmo soasse estranho denomina-lo de tal forma: — Um amigo. — complementei, e eles trocaram um cumprimento.

Tentei ignorar o clima pesado, ao notar o olhar intimidante que os homens a minha frente trocaram. *O que T queria transmitir agindo de tal forma?* Patrice pareceu ainda mais incomodada do que a maioria, e sua voz foi a que me fez acordar diante daquele momento.

— Que tal escolhermos uma música, Dia? — perguntou, e sorri,

indo até ela. — Algo brasileiro, para te preparar para as férias. Que tal? — indagou, e pensei um pouco, lembrando-me de uma artista que conhecera recentemente, e peguei o celular dentro da bolsa.

Patrice me mostrou algumas playlists, e assim que encontrei o nome da cantora, selecionei a música. Coloquei a letra e me arrisquei no português com Lia, por mais horrível que pudesse parecer. Queria apenas me livrar um pouco daquela situação constrangedora que parecíamos estar, sem qualquer motivo aparente. Patrice e Paul sumiram por alguns minutos, e apenas consegui estudar a reação de T.

Seu olhar não demonstrava muito, a não ser clara preocupação. Ele olhava ao redor, enquanto conversava com Klaus. Algo o incomodava, mas não saberia dizer o que.

— Olha isso! — Lia falou, me mostrando em seu celular um vídeo de gatinhos sendo atrapalhados.

Klaus estava ao nosso lado, com a mão em sua cintura, claramente, confortável em estar ali. Olhei para o vídeo novamente e forcei um sorriso, sentindo-me um pouco perdida. Como seria assumir a todos, e principalmente, para T, o que ele me fazia sentir? Nem sabia denominar, mesmo assim, tinha a certeza de que algo nele era único. Ao menos, único para mim.

T pegou uma cerveja colocado ao seu lado, e tomava, mas nossos olhares não se cruzaram. Senti que ele me afastava, mesmo vindo ali por minha causa. Minha cabeça girou, e claramente, vi o mundo gargalhar de minha face. Ele poderia não estar ali por mim. Talvez o ciúme de Paul tivesse algum fundamento, e a tensão por todos nós, começara a se tornar insuportável e mostrar sua real razão.



O jantar passou, e com ele, minha desconfiança apenas aumentou. O vinho se tornou um bom amigo, e de uma taça, que geralmente bebia, passei a mais de quatro. O álcool poderia aplacar um pouco dos sentimentos que tanto me atormentavam. Terminei mais uma taça, e notei que todos já pareciam satisfeitos. Minha noite não poderia acabar por ali. Precisava extravasar um pouco, mesmo que a decepção por ver T daquela maneira me deixasse confusa.

— Que tal uma balada? — perguntei animada. Notei os olhares trocados entre Klaus e Paul, e entendi a preocupação que demonstraram. Eles me conheciam bem. Até demais. — Vamos lá! Ficarão sem me ver até a semana do casamento, eu mereço um pouco de atenção. — declarei, e notei o olhar de T me queimar.

Ele não havia perguntado sobre o porquê do jantar, e até o momento, não encontrara a forma correta de lhe contar. Havia feito na mensagem que ele nunca recebeu. Sentia-me como uma fugitiva, ao mesmo tempo, que lhe confienciava o que faria. Todavia, naquele instante, não imaginei que pudesse ser importante. Não para ele.

— Por mim. — Paul declarou dando de ombros, e Klaus fez o mesmo.

T permaneceu em silêncio, enquanto Patrice e Lia concordavam. Virei-me e peguei a bolsa, e percebi a proximidade de T. Ele parecia querer me dizer algo, e quando adentramos o elevador, mesmo com os outros ao redor, era como se apenas nós estivéssemos ali.. Seus olhos

queriam me contar algo, mas sua boca permanecia calada.

Minutos depois, resolvemos ir junto a Paul, e assim que me sentei no banco de trás, T fez o mesmo. Senti o quente de sua mão sobre a minha, e apenas me esquivei. *Era aquilo?* No escuro de um carro, poderíamos agir como se ainda fôssemos os mesmos? Eu passava. O clima no carro não poderia estar pior, e então, minha mente apenas girou pelo que não queria crer: Troian sentia algo por Patrice.

Respirei profundamente, tentando acreditar que aquele *algo* não fosse além de fraternal, mesmo que suas atitudes comesçassem a provar o contrário. Finalmente estacionamos, e pude soltar o ar que nem sabia que segurava.

— Diana. — sua voz me atingiu e me virei, assim que descemos do carro.

— Oi. — falei, e o encarei, sentindo-me completamente intimidada. Eu mal me entendia, quem diria ele.

— Está tudo bem? — sua pergunta não me surpreendeu, mas resolvi apenas assentir. O que poderia dizer?

Encontramos Klaus e Lia, e logo entramos na boate.

— Vou pegar uma dose, vocês vêm? — ofereci, enquanto Patrice e Lia se sentavam na mesa que escolhemos.

Klaus e Paul assentiram, e logo senti o braço de Paul enlaçar minha cintura.

— O que houve, Dia? — perguntou baixinho em meu ouvido, e o encarei sem mostrar qualquer reação. Sabia que em algum momento os dois me colocariam contra a parede. — Vamos lá! Nada de fingir. Não para mim!

Estávamos a frente do bar da boate, e não sabia como entrar em tal

assunto ali. Como me sentia diante da descoberta de que T poderia sim, estar apaixonado por outra mulher. E que naquela questão, acabara de se tornar uma grande amiga e a mulher de meu melhor amigo.

— Nem para mim! — Klaus falou, parando de meu outro lado. Bufeí, por odiar ser cercada de tal forma.

— Só quero beber para esquecer. — revelei parte da verdade. — Já os vi fazendo muito isso. Será que posso? — debochei e os dois me encararam ainda mais preocupados.

— Quem te machucou? — Paul perguntou de relance, e resolvi ignorar. Era tão óbvio que sequer merecia resposta.

— Três uísques. — pedi ao barman e indiquei os homens ao meu lado. — O melhor.

— Dia... — Klaus chamou. — Tem a ver com o fato do primo de Patrice aparecer no jantar? — perguntou e recuei os ombros, sem saber como mentir ou até mesmo omitir algo para eles.

O barman deixou as bebidas sobre o balcão, e peguei um dos copos dispostos. Virei-me contra o balcão e os encarei, em seguida, olhei para onde Patrice, T e Lia estavam sentados. Mas especificamente, a forma como T se prostrava ao lado de Pat.

— Olhem! — indiquei a mesa na qual escolhemos ficar, enquanto não dançávamos. — Olhem com atenção e me digam porquê Troian aceitou ir jantar conosco hoje. — pedi, e tentei não desabar diante da cena. T sorriu para Patrice, com uma das mãos sobre seu ombro, uma atitude tão simples, mas que dizia muito.

— Ele gosta dela. — Klaus se pronunciou. — Pelo jeito, mais do que deveria.

Tal constatação de Klaus me atingiu de forma devastadora.

— Ela não o vê assim, mas pelo jeito, ele está tentando forçar algo já que se sente em perigo. — analisei o que tanto se passou por minha mente diante de suas atitudes. Virei a dose de uma vez, e senti o líquido descer queimando em minha garganta, deixando o copo sobre o balcão. — Às vezes sou muito burra em relação a sentimentos. — confessei e senti o toque de Paul em meu braço. — É verdade, Paul! Eu simplesmente acreditei que ele me escolheria, mesmo depois de tanto tempo e agora, com a mulher que gosta ao lado...no fim, sou só uma imbecil. — doeu admitir tal coisa, ainda mais, por finalmente cair minha ficha.

Não me animava tanto para dançar, não naquela noite. Mas trazer todos ali e analisar T era o ponto alto da noite. Queria entender se estava enxergando algo onde não existia. Mas que se existisse, poderia ser a sua escolha, mesmo diante de outra mulher que claramente não o quer.

— O imbecil aqui sou eu. — Paul provocou, e lhe dei um soco no peito, sorrindo.

— Amo vocês, meus imbecis mais lindos. — falei de repente, e notei os sorrisos sinceros nos rostos de meus melhores amigos.

Os dois se entreolharam, e fiquei em alerta. Tentei impedi-los, mas logo eles me cercaram, dando um abraço de urso com a clara intenção de me deixar sem ar. Os dois gargalharam diante de meus resmungos, mesmo que adorasse tais demonstrações de carinho.

— Te amamos muito também, Dia. Nunca se esqueça disso. — Paul enfatizou e pisquei para eles, pois compreendia por completo a forma como construímos tal amor.

Saí rapidamente dali, sem lhes dar chance para continuar tentando me aconselhar. Talvez, meus sentimentos fossem confusos demais, e os de T poderiam ser apenas um reflexo. Ele passava por algo, mas não me

contava. Assim como, iria viajar, simplesmente para me reencontrar. T e eu, mais uma vez, nos encontrávamos em momentos diferentes da vida. Infelizmente, aquilo era determinante. Tão quanto, o que ele parecia sentir pela prima.

Cheguei até a mesa, e o ignorando, puxei Patrice e Lia pelas mãos, para irmos para a pista de dança. Não poderia deixar aquela noite piorar, então, apenas iria dançar. A música foi minha salvação em vários momentos. Lembrava-me bem, de uma frase que me marcara tanto, assim como, meu corpo. Senti o olhar de T sobre meu o mesmo, mas resolvi não levar mais nada em consideração.

Precisava me distrair e nada melhor, que apenas deixar a noite me embalar.

Capítulo 9

“Some boys are trying too hard, he don't try at all, though
Younger than my exes but he act like such a man, so
I see nothing better, I keep him forever
Like a vendetta-ta.”^[15]

Treia

O jantar fora mais tranquilo do que imaginei, entretanto, entendi o quanto era deslocado da realidade de Diana. Suspirei, tentando me manter com um rosto impassível. Notava a felicidade no olhar de Patrice, que sempre fora como uma irmã para mim, mesmo que implicante ao extremo. Bailey, a mais nova, sempre me contou, que Patrice era nossa irmã justamente por aquilo.

O que me remetia à cena que encontrei ao entrar na casa de meus pais, a qual, quebrou meu coração, assim como, minha alma. Passei as mãos pela calça jeans, tentando me acalmar. Não poderia relacionar o tal Paul ao que aconteceu com Bailey, entretanto, era meu lado protetor falando mais alto. Não permitiria que Patrice passasse pelo mesmo, e nem mesmo Bailey. Nunca mais.

Fiquei sentado na mesa, enquanto assistia a todos comemorando. Cada qual com seu par, e notei a forma como Diana se movia, como se fosse a dona da situação, mesmo que sozinha. Mais uma vez, senti-me

perdido diante de sua imensidão. Eu não era o bastante para ela, nunca me sentiria de tal forma. Ainda mais, naquele momento de minha vida.

Como as coisas podiam parecer perfeitas em um dia e no seguinte simplesmente desmoronarem? Levantei-me da mesa, sem tirar meus olhos de Diana, que notei que bebia um pouco além. Pedi uma cerveja ao chegar no bar e o barman me encarou um pouco intrigado, talvez por perceber a mulher que olhava.

— Acho melhor tirar o olho, garoto. — encarei-o com fúria nítida em meu rosto. Apenas ela tinha o direito de me chamar de tal forma.

— O que quer dizer com isso? — perguntei, mesmo não querendo a real resposta para aquilo.

— É a mulher do patrão. — o encarei completamente incrédulo. *O que?* — Dizem que ele a pediu em casamento. — falou, e olhou para os lados, como se fosse algum tipo de segredo. Com toda certeza, já havia espalhado para todos que frequentavam a boate.

Bufei, não conseguindo absorver tal informação. Diana era a minha, ao menos, senti que era, no momento em que nos beijamos em seu apartamento. Senti firmeza ao me dizer que nunca pertencera a Paul, o qual acreditei ser seu namorado. Aquela história me atormentava, e precisava entender como todos conviviam com o fato de que Paul e Patrice estavam juntos. O que me remetia a ele ser um canalha, tal como Robert.

— Merda! — reclamei alto, e peguei a cerveja, bebendo um longo gole.

Não poderia julgar ninguém, muito menos um homem que acabara de conhecer. Ainda assim, tudo parecia se voltar para o fato de que aquele homem fora namorado da mulher que sempre desejei, e naquele instante, estava envolvido com minha irmã. Como de repente, poderia confiar

naquele sujeito? Não existiam motivos plausíveis.

Entretanto, por Diana, aceitei o convite para a noite. Porque queria estar perto dela, e ainda mais, poder lhe explicar o porquê passamos dias afastados. Eu queria, mais do que tudo, acordar ao seu lado após fazermos amor, porém, se tornara impossível ficar no apartamento. Não saberia como lhe contar e muito menos fingir que estava tudo bem quando acordei com aquela ligação.

Além de tudo, precisávamos colocar todos os pingos nos “is”. O que não fora feito naquela noite, já que simplesmente, resolvemos apenas ficar juntos. Como se o mundo lá fora não existisse. Porém, ele existe. Assim como, acabei longe dela, horas depois de sentir meu coração quase explodir no peito sob seu mais simples toque.

Bebi o resto da cerveja, e encarei a pista de dança, voltando o olhar para a mulher que tinha meu coração em mãos. Porém, ela merecia mais, tinha a certeza daquilo. Saber que ela simplesmente viajaria, e mais, que aquele era o motivo do jantar, fez-me ver que não significava grande coisa para ela. Talvez ficar com o garoto mais novo fosse uma aventura. Além de tudo, não sabia como me chutar de sua vida e resolver ser cordial. Talvez fosse apenas um reencontro casual, e ela não esperasse nada demais.

Eu esperava *mais*. Sempre esperei.

— *Acha mesmo que podemos ficar para sempre aqui?* — perguntou com um sorriso sapeca no rosto. Fiz o mesmo, passando a mão por suas costas, como se pudesse marcá-la com meu toque. Queria fazê-la lembrar para sempre daquele momento.

Era jovem, tinha que admitir. Porém, minha vida sexual começou aos quinze anos. Por ter o estilo de astro de rock, a maioria das garotas

apreciavam. Porém, mesmo depois de estar com tantas, nada se comparava com simplesmente estar ao lado da mulher sob meu corpo. Diana tinha algo que me encantava, me deixava alucinado. Não era só sexo, e começava a entender.

— Acho que posso cantar para você, o que me diz? — indaguei, e ela me encarou, assentindo.

Levantei-me da cama, e fui até o violão deixado ao lado de uma poltrona. Vestia apenas uma cueca, e Diana, não estava tão diferente, apenas de calcinha. Era uma intimidade inusitada, já que nos conhecíamos há poucos dias.. Sentei-me a beira da cama, e me ajeitei. Diana puxou o lençol branco sobre seu corpo, e apenas me olhou, passando as mãos pelos cabelos.

— Não sei se entende bem a língua, mas aprendi desde muito novo o português brasileiro. Além de tudo, as músicas brasileiras. — comentei, sem saber como lhe contar a respeito de parte de minha família que era de lá. Talvez, fosse demais, abrir-me de tal forma. — Essa música se chama “Para você guardei o amor”. — falei e ela assentiu.

Comecei a cantar, e de repente, notei quantas verdades aquela música trazia à tona. Talvez já fosse tarde demais para esquecer a mulher que deveria ser apenas mais uma em minha cama.

— Tudo bem, cara?

Pisquei algumas vezes e saí de minhas divagações. Encarei um homem alto e bem vestido a minha frente, que parecia ser algum tipo de empresário ou até mesmo advogado.

— Sim. — respondi por simples e pura educação, voltando meu olhar para Diana, que ainda dançava completamente animada.

Olhá-la era como me perder, e temia a forma como me perdia de

mim mesmo. Poderia ter sido apenas um sonho juvenil, uma mulher mais velha interessada e duas semanas de puro sexo. Mas não fora, não com ela.

Saí do bar e fui em direção a pista de dança, parando a sua frente, e a puxei com delicadeza pela cintura. Diana não me olhou e simplesmente parou de dançar. Tal movimento fizera meu coração falhar uma batida. *O que estava acontecendo?* Não teria como fingir, ela estava diferente desde o momento em que abriu a porta do apartamento mais cedo.

— O que está acontecendo, baby? — perguntei em seu ouvido, e suas mãos pararam a frente de meu peito, como se para me afastar.

— Agora se lembrou de mim? — indagou. — Ou melhor, de que me chamava desse jeito? — indagou e a encarei, completamente perplexo.

Precisávamos conversar, tornara-se algo urgente, mas naquela noite poderia se tornar algo desastroso. Diana parecia um pouco fora de si, talvez pela bebida ou até mesmo, por estar a sua frente.

— Preciso de outra bebida. — falou, e se afastou bruscamente, indo em direção ao bar.

Encarei-a de longe e iria até ela, para tentar evitar que tudo terminasse daquela forma tão sem explicação. Dei passos para perto e paralisei, ao ver a cena se desenrolar a minha frente. O homem de terno que antes me chamava, a abraçava, e ambos pareciam se conhecer. Ela o olhava de forma encantada, e notei que não repeliu seu toque. O que ficara claro, o problema era *eu*.

Mesmo assim, precisava falar com ela e entender o que de fato acontecia. Forcei meu corpo a se mover e ir em sua direção, porém, senti o celular vibrar em meu bolso traseiro. Paralisei, e o peguei. Apenas duas pessoas tinham meu número novo, o qual comprei assim que cheguei a Nova Iorque naquele dia. Atendi-o rapidamente e corri em direção aos

banheiros, que deveriam ser um lugar menos barulhento.

— Oi, pai. — falei rapidamente, e ouvi um suspiro do outro lado da linha. — O que houve?

— *Calma, filho. Apenas se acalma, ok?* — pedi e fiquei em silêncio, respirando várias vezes. — *Bailey está bem, já até tentou fazer o próprio café da manhã.* — sorri, um pouco aliviado. *Ter minha irmã mandando em tudo a sua volta era um clássico, e tão a cara dela, que parecia que as coisas estavam bem, mesmo não estando.* — *É sobre o emprego, filho.*

— Pai, eu não posso...

— *Eu sei que as coisas estão difíceis, filho.* — *fiquei calado, não teria como mentir para meu velho.* — *Mas saiba que estamos aqui e conseguimos uma entrevista na escola de música que você frequentou quando mais novo.*

— Pai...

— *Nunca aceitou nada por conta de seu sobrenome, nem mesmo o usa, filho. Permita apenas uma vez, seus velhos fazerem algo.*

— Obrigado. — falei, sem saber como realmente agradecer. — Eu te amo, pai.

— *Eu também, filho. Agora me diga, Patrice desconfia de algo?*

— Ela não faz ideia, não nos falamos muito e acho que Bailey me mataria se contasse. — confidenciei. — É uma escolha de Bailey, não posso...

— *Eu sei, mas não gosto de esconder nada da nossa estrela e...* Bom, vou te mandar tudo o que precisa para vir para entrevista. Será amanhã e já te enviei a passagem de vinda para cá no e-mail. O voo será bem cedo. Tudo bem? — perguntou, e pensei nos prós e contras.

Com toda certeza precisava de mais tempo na cidade para poder ter uma conversa franca com Diana, porém, a vida parecia querer me levar para longe naquele momento, e não podia de forma alguma recusar. Era necessário, ainda mais, ao me ver tão perdido diante da realidade.

— Tudo bem. Obrigado, pai.

— *De nada, filho. Até amanhã! —despediu-se e logo desfez a ligação.*

Coloquei o celular no bolso e tentei pensar em como me preparar para simplesmente voltar para outro país, sentindo que Diana e eu nos encontrávamos em um fio delicado. Meu celular tocou mais uma vez e atendi prontamente ao ver o número de Bailey na tela.



O tempo passou voando enquanto falava com Bailey e não podia, mesmo que quisesse, fugir daquela conversa. Ela precisava de mim, ainda mais, naquele momento. Assim, minutos depois, voltei para onde vi Diana pela última vez, e me assustei, ao finalmente, avistá-la, e vê-la dançar junto com o homem de terno. Não era um cara ciumento, nunca fiz tal tipo. Porém, vê-la à vontade com outro e me repelindo, acertou-me como um soco na cara.

Notei uma mulher de cabelo curto e preto parar a frente dos dois e afastá-la do homem. Dei passos rápidos para perto e parei ao lado de Diana, que parecia completamente bêbada. Olhei ao redor e busquei os

amigos que deveriam estar com ela, mas não encontrei ninguém. Eles a deixaram com ele, portanto, deveriam confiar que estava bem cuidada.

— Paul me pediu pra cuidar dela. Não se meta, Ruby! — o homem bradou para a mulher à frente de Diana, que sequer pareceu se atingir.

— Ela está bêbada, completamente. E em vez de levá-la para casa como combinou, está aqui dançando. Olhe só para *merda* que está fazendo, Spencer! — ela revidou. — Ser apaixonado por ela não lhe dá o direito de ficar ao redor dessa forma.

— Eu jamais abusaria de uma mulher, Ruby. — ele pareceu completamente transtornado com o que a tal Ruby falou.

— Um abusador diria isso. — retrucou e por fim notou minha presença, já que segurava a cintura de Diana. — Você é? — perguntou e a encarei um pouco perplexo com a atitude. Poucas pessoas se importavam realmente com o bem-estar das outras.

— Sou Troian Messina. — falei, e ela franziu o cenho. — Conheço Diana há anos, e estava no jantar que fez para os amigos. Pode ligar para algum deles e confirmar. Eu a levarei para o apartamento.

— Não, eu prefiro falar com ela. — Ruby se pronunciou e parou a frente de Diana, que mesmo bêbada tinha sua completa atenção. — Diana, quem é ele? — perguntou e me mostrou.

— Meu garoto. — falou e sorriu de lado, segurando-se contra meu corpo. — Me leva para casa, T? — pediu e me olhou profundamente. Ela não parecia nada bem.

— Ela parece te conhecer...

— Você me afasta dela e agora vai deixar que um estranho a leve para casa? — o tal Spencer indagou e resolvi agir, aquela conversa poderia durar horas, e não tínhamos como ficar ali, com Diana quase desabando de

bêbada.

— Ruby, certo? — perguntei e a morena assentiu. — Vou levá-la de táxi, e pode nos acompanhar para ter certeza. — olhei para o homem, que parecia completamente incrédulo. — Você também pode ir. Diana ficará sã e salva em sua cama, e ficarei com ela. Sou o garoto dela, como ela disse. — falei, como se tirasse um peso das costas ao pronunciar tais palavras.

Eu era dela, tanto quanto ela era minha. Apenas precisávamos ter o nosso momento. Um momento não aplacado pela saudade, muito menos pelos contratempos. Um momento para podermos ser honestos acerca de tudo. Principalmente, um com o outro.

Capítulo 10

“And faith is pulling you miles away
And out of a reach from me
But you're here in my heart
So who can stop me if I decide
That you're my destiny?”^[16]

Diana

Minha cabeça ia explodir!

Levei as mãos a ela, e finalmente, tentei abrir os olhos. A luz que invadia o quarto, já entregava que era dia, ao menos, acreditava ser de manhã. Sentei-me, ainda com as mãos na cabeça, e sentindo meu corpo duplamente pesado.

Levantei-me um pouco desorientada, e me segurando contra a parede, cheguei ao banheiro do quarto. Parei em frente a pia, e abri a torneira. Nunca pensei que teria tal coisa, mas jogar água gelada no rosto naquele momento, trouxera uma ótima sensação. Depois de conseguir abrir os olhos por completo e ver com clareza meu reflexo, fechei a torneira, e peguei a toalha pendurada ao lado do espelho.

Encarei-me por alguns segundos e só então a realidade me bateu. Estava com uma camisola branca e sequer me lembrava de tê-la colocado. Flashes da noite me atingiram, porém, nada com tanta clareza. Não até o

momento em que simplesmente considere que T gostava realmente de Patrice.

— Merda! — reclamei e segurei com as duas mãos no balcão.

Sentia algo errado em mim, ainda mais por me embriagar daquela maneira. Anos que não ficava tão bêbada, a ponto de simplesmente não conseguir me lembrar da forma que cheguei em casa, e pior, quem me trouxera. Lembrei-me de Spencer, e em minha mente, tinha a certeza que dançamos em algum momento. *Teria sido ele?*

Andei de volta para o quarto e resolvi olhar pelo o apartamento. Talvez a pessoa que me trouxe ainda estivesse por ali, ainda mais, se fosse *realmente* Spencer. Chequei todos os cômodos, e por fim, encontrei-me novamente no quarto. Se a pessoa estivesse ali, só poderia estar escondida, o que não faria sentido algum

Bufoi, e foquei do lado direito da cama, onde os lençóis estavam bagunçados e com toda certeza alguém dormira no travesseiro. Aproximei-me e olhei com atenção. Poderia ter sido eu, mexendo durante a noite, porém, não era uma característica que me pertencia. Sentei-me e passei as mãos sobre o travesseiro, como se tentando entender na bagunça que me metera.

Assim que virei o olhar, uma folha branca, debaixo de meu kindle, deixou-me intrigada. Não era uma pessoa bagunceira, na realidade, bem longe daquilo. Peguei com cuidado a folha e a desdobrei, para me deparar com uma letra claramente masculina, e que me fez paralisar.

Baby,

Eu nunca me imaginei tendo que escrever algo, não assim. Porém, ao ver o seu estado ontem e a forma como me tratou, senti-me na

obrigação de me explicar. Não sei ao certo o que se passa em sua cabeça, acho que nunca terei tão poder. Todavia, eu sempre li muito bem os sentimentos em seu olhar, ao menos, acreditei tê-lo feito.

Quando me deixou há cinco anos, imaginei que nunca mais teria volta. Na realidade, tentei me convencer que não passara de um caso de paixão avassaladora. Foi assim e por isso, que me joguei ainda mais na música. Foi a forma que encontrei de poder pensar em você sem simplesmente pirar e me odiar por não ter conseguido te impedir de ir. Mas era preciso. Você entendeu muito melhor que eu, naquela época.

Éramos mundos diferentes que colidiram. Colisões causam danos, e no meu caso, foi e é permanente. Porque ainda sinto que somos de mundos diferentes, mas não acredito que isso seja algo ruim. Não mais. Não capaz de nos separar. Te ver novamente foi como voltar para casa. Foi como olhar para o lar que nunca considerei ter. Eu tinha vinte anos e me declarei. Hoje, tenho vinte e cinco e não posso mentir sobre o que sinto.

Ainda mexe comigo, baby. Mexe além do que posso dizer e sinto muito se não souber demonstrar. Minha vida anda uma bagunça. Ao mesmo tempo que reencontrei uma de minhas razões – você – algo aconteceu, e o mundo se tornou um lugar ainda mais escuro. Sinto não ter estado ao seu lado quando acordou após fazermos amor. Era tudo o que queria, mas não tive escolha.

Não quero lhe contar nada por meio dessa simples carta. Podemos denominar assim? Então, eu só peço que me espere. Não para sempre, só por um momento. Tive que fazer uma viagem para o Canadá, estive por lá esse tempo todo, e claro, voltei para Nova Iorque em alguns momentos. Os problemas, infelizmente, não seguem barreiras nacionais.

Me perdoe se lhe deixei pensar que não sinto nada. Baby, eu sinto tudo. Tudo o que for possível um homem sentir por uma mulher. E além disso. Voltarei para você, em breve. É uma promessa.

Com amor, T

Obs: Meu novo número está no verso. Pensei em te ligar ou mandar uma mensagem, mas prefiro ser um romântico para minha mulher.

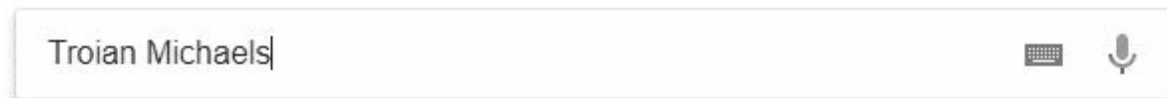
Levei a carta ao peito e deixei com que as lágrimas descessem. Minha ansiedade e inseguranças não me permitiram ver. Não daquela vez. Não com ele. Troian não demonstrou querer estar longe, desde o princípio imaginei que existisse algum motivo para ter se afastado. *E o que fiz?* Bebi loucamente e deixei chegar a um estado que não me orgulhava.

Dobrei a carta e coloquei no mesmo lugar, enquanto ponderava o que fazer. Faltava apenas decidir qual seria a imagem dentre os estagiários para a campanha, e mais nada. O que poderia fazer tranquilamente fora da empresa. Ainda me restava uma semana em Nova Iorque, antes da viagem. O que poderia acontecer se simplesmente aparecesse atrás de Troian?

Uma ideia me veio e coloquei minha mente para funcionar. Troian sempre se apresentava com o sobrenome Messina, mas desde que vi sua carteira de motorista há alguns anos, sabia que tinha outro sobrenome – Michaels. Nem ele nem Patrice usavam tal sobrenome, e tinha um chute quase certo sobre o motivo.

Fui até o notebook sobre a poltrona do lado da janela, e o peguei, sentando-me em seguida. Coloquei o sobrenome no google, associado a

empresas. Não me surpreendi por completo ao localizar com facilidade uma das empresas de tecnologia mais conhecidas e aclamadas da América na última década – Conference.



Assim que a pesquisa deu resultados, algumas imagens de Troian ainda criança apareceram, ao lado dos pais. Quanto mais pesquisava, mais descobria a respeito do desinteresse claro dele por trabalhar no ramo. Não existiam fotos dele mais velho, nem mesmo adolescente com os pais à frente da empresa. Talvez aquilo justificasse o porquê não encontrei nada sobre ele no passado, nem mesmo procurando com os dois sobrenomes. Era uma pesquisa mais refinada, a qual, não me propus a fazer na época. Nem mesmo, adiantaria.

Parei, ao ampliar a foto em que ele aparecia sorrindo, ainda tão pequeno ao lado de toda a família. Patrice aparecia na mesma foto, e era claro, que eles na realidade, pareciam como irmãos. *Algo mudara?* Era a pergunta que ainda, infelizmente, se passava por minha mente.

Pesquisei mais um pouco até encontrar a sede principal da Conference, em Ottawa no Canadá. Tentei ir mais a fundo, e quem sabe, descobrir o endereço da família Michaels, porém, não fora possível. Talvez como Dominic Russel, eles prezassem pela segurança de forma impecável, devido a império que construíram.

Pensei e repensei mais uma vez, como boa ariana. Olhei, dali da poltrona, em direção a carta que Troian deixara, com vários questionamentos em mente. Poderia simplesmente ligar e lhe perguntar o que acontecia, ou até mesmo, pedir seu endereço. Entretanto, algo em minha mente, insistia para que aquele momento fosse especial. Algo que

merecesse ser lembrado no futuro. Uma boa ariana com ascendente em touro. Sequer sabia o que aconteceria, mas tinha certeza que não iria ser de qualquer forma.

Decidi-me, minutos depois, depois de entender que de nada adiantava encher minha mente sem resposta alguma. Liguei para minha assistente e pedi para passar os desenhos por e-mail. Assim como, comprei a primeira passagem para Ottawa. Ninguém saberia, não naquele momento.

Buscava certezas, e esperava encontrá-las, em algumas horas, ao finalmente descobrir onde T tinha se metido. Mesmo sem ser convidada, sentia-me a vontade de ir. A vontade de buscar o homem que mesmo depois de tanto tempo, ainda tinha meu coração em mãos.



Felizmente não era inverno, e assim que pisei na calçada que parecia tomada por vidros da Conference, senti-me um pouco familiarizada. Parecia e muito com a Russel, e aquilo não seria tão difícil. Ao menos, esperava que não. Adentrei pela grande porta de vidro e assim que olhei ao redor, busquei a recepção. Puxando uma mala de mão na cor rosa pink, nada parecia chamar menos atenção dos vários executivos de ternos caros e chiques que passavam ao meu lado.

Optei por um vestido longo na cor rosa claro e uma jaqueta de couro por cima, e nos pés tênis um pouco mais altos que o normal, na cor

branca. Nada tão casual quanto o meu cabelo solto e selvagem contra o vento. Sentia-me confortável e aquilo que realmente importava. Era pouco mais de uma hora de voo, no entanto, odiava viajar desconfortável. E não iria usar terno para tentar descobrir o endereço dos donos da empresa, talvez, tivesse sido uma ótima ideia.

Outras perguntas se passavam por minha mente, enquanto caminhava até o grande balcão da recepção. E se T não morasse com os pais? E se simplesmente não conseguisse encontra-lo? No fim das contas, talvez, teria que ligar e dizer. “*Ei, T! Estou no Canadá!*” Pior seria, se ele estivesse em outra cidade do país, já que não fora nem um pouco específico sobre onde realmente estava. Entretanto, segui meu instinto. De alguma forma, sentia estar no caminho certo.

Parei a frente do balcão e um rapaz sorriu em minha direção, o qual olhei o nome no crachá e sua função. Ao menos, tudo corria bem até ali. *Também, como poderia errar?* Tinha letras enormes na cor cinza sobre aquele balcão.

— Boa tarde, eu estou... — pensei um pouco sobre o que dizer e me calei. Como poderia perguntar tal coisa? Talvez, valesse a tática que pensei durante o voo. — Tenho um horário marcado com Troian Michaels. — falei de uma vez, e o recepcionista me encarou surpreso.

— Boa tarde, senhorita...

— Carter. — falei, sentindo-me uma completa idiota. Talvez não estivesse agindo da forma mais inteligente.

— O senhor Michaels não tem horários marcados para hoje. — falou com cuidado, o que foi como um balde de água fria. — Talvez esteja confundindo com seu pai, o senhor Liam Michaels?

— É claro, deve ser isso. — falei sem graça. — Um minuto. —

pedi, e coloquei minha bolsa a frente.

Comecei a procurar meu celular que parecia ter se perdido no meio da bagunça ou até mesmo nas divisórias. De repente, parecia que os segundos duravam mais do que o normal, sentindo-me uma completa perda diante do recepcionista com sorriso no rosto. Finalmente, debaixo de minha agenda, que nunca ficava sem, encontrei meu celular.

— Achei! — falei animada, o que fez o recepcionista sorrir amplamente, como se também estivesse na torcida por mim.

— Diana?

Meu corpo travou e pisquei algumas vezes, antes de realmente me virar. Lentamente, o fiz, e quando meus olhos recaíram no homem a minha frente, sequer soube o que dizer. Troian Messina era o pecado completo usando suas roupas de roqueiro selvagem, e sempre seria a forma mais bonita dele, porém, ao vê-lo de terno, algo dentro de mim se remexeu. Ele personificava o sonho de qualquer mulher.

— T. — falei, completamente incrédula. — Acho que estou delirando. — conversei comigo mesma e continuei o encarando.

Ele então deu passos até mim, e me surpreendendo, enlaçou minha cintura com tamanha intimidade, que meu coração se derreteu. Os cabelos loiros compridos geralmente soltos e com vida, estavam presos num rabo de cavalo, que por Deus, o deixara ainda mais sexy. *Foco, Diana!* Gritei internamente, tentando me conter, mesmo que seu toque me deixasse completamente perdida.

— O que faz aqui, baby? — perguntou e tocou meu rosto.

Olhei-o ainda sem acreditar e entendi que aquele olhar era meu, apenas meu. Por mais que acreditei por algum momento que ele pudesse olhar para outra daquela forma, não era real. Soube, no momento em que o

encarei profundamente. Ele era meu, uma certeza que se firmava em meu peito, mesmo sem saber se ele queria me pertencer.

— Eu precisava de te ver. — falei, e sorri de lado, sem conseguir me conter. — Acho que meu horário aconteceu de um jeito ou de outro. — comentei, olhando em direção ao recepcionista que sorriu ao me encarar, mas mudou completamente de semblante ao encarar T.

Notei que apenas eu parecia entender por completo suas expressões. Ele não era de sorrisos à toa, e muito menos de distribuí-los por aí. Não era por mal, apenas seu jeito. Para mim, apenas conseguia enxergar paixão em seus olhos glaciais. Assim como, saber o quanto era bem-vinda ali, mesmo sem ter sido convidada.

— Podemos ir a algum restaurante ou até minha casa, o que prefere? — perguntou solícito, e pensei um pouco antes de responder.

Minha mala de mão era de rodinhas e não atrapalharia em nada irmos até um local para comer. Além de tudo, estava morta de fome. Não conseguira comer nada de manhã devido a ressaca.

— Acho que prefiro um restaurante. — falei e notei uma ponta de decepção em seu olhar. — Não que não queira conhecer sua casa, garoto. — encarou-me, mudando o semblante. — Estou com fome. A noite foi agitada demais e pelo jeito você sabe mais do que eu sobre o que aconteceu. — comentei e ele assentiu, sorrindo um pouco sem graça. — Vamos?

Ele então circulou minha cintura e saímos daquela forma, lado a lado da sede da empresa de sua família. Assim que o ar ameno tocou meu rosto, senti-me ainda mais feliz por estar ao seu lado. O dia, a luz, as horas, o mundo parecia contribuir para que nos encontrássemos. Não poderia dizer porque, mas de algum jeito, éramos jogados um para outro. Ao

menos, naquela época. No passado, sequer nos cruzamos e aquilo partira meu coração, acreditando que não era para ser. Pelo jeito, era.

Ao olhar para meu lado, enquanto caminhávamos, e T parecia saber para onde nos levar, entendi que não poderia ter feito escolha melhor. Porque no final das contas não fizera escolha alguma. Ele apareceu e me entregou seu amor, e só esperava, que tivesse a chance de ser a dona seu coração mais uma vez. Daquela vez, para sempre

Capítulo 11

“Eu que tanto me perdi
Em sãs desilusões ideais de mim
Não me esqueci
De quem eu sou
E o quanto devo a você.”^[17]

Treia

— Acho que preciso começar... — Diana falou, assim que nos sentamos na mesa de um dos restaurantes favoritos de minha infância. Ele era casual, como a maioria dos lugares que gostava de frequentar, e ficava a poucas quadras da empresa.

Passei as mãos por meu cabelo, sentindo-me um tanto quanto incomodado por estar vestido daquela forma sua frente. Nunca lhe mostrara aquele lado, nem mesmo lhe contei sobre minha família. A realidade era que nunca me relacionei diretamente com aquele mundo. Apenas nos momentos extremamente necessários.

— Quando eu te conheci, nunca imaginei que passaríamos de uma noite... — surpreendi-me com sua fala. Não esperava que começaria por ali, nem mesmo que tocaria no passado tão rapidamente. Em minha mente, falaríamos dos problemas do presente. O que tanto parecia nos afastar, mesmo sem entender de fato o que era. — Mas eu me apaixonei, T. Me

apaixonei perdidamente por você. — sua voz embargou e engoli em seco, completamente surpreso com sua honestidade.

Diana nunca dissera de fato o que sentia. Nem mesmo no momento em que lhe confessei meu amor. No passado, fui colocado contra a parede a respeito da banda e o que deveria escolher. Existia um código raramente mencionado, sobre os caras terem que ser exclusivamente solteiros. Nunca me preocupei com tal coisa, já que não me imaginava amarrado a alguém tão cedo. Não aos vinte.

Então, ela apareceu. A mulher, que estava a minha frente, claramente buscando as palavras corretas para usar. Ela me mostrou que a vida acontecia nos pequenos momentos, que sequer esperávamos. Por ela, escolhi entre a liberdade de uma vida na estrada, sem amarras, e a uma paixão devastadora que vivemos. Talvez paixão nunca pudesse ter sido usado como denominação para o que fato senti. Ainda sinto.

— Lembro bem, de como tudo foi intenso e como não queria que acabasse... Mas tive que nos colocar em perspectiva. — encarou-me intensamente, e notei seus olhos marejados. — Percebi que poderia ser um atraso ou até mesmo uma pressão em sua vida. Tinha e sempre tive objetivos claros, T. Você vivia intensamente o que sonhava, eu respirava a minha carreira. Longe daquele quarto de hotel e nossos momentos, nunca daríamos certo.

— Dia...

— Não naquela época. — surpreendi-me, mais uma vez. *Como ela conseguia dominar as palavras daquela forma?* — Hoje, as coisas são diferentes, ao menos, acredito que sim. Então, quando te vi de novo, não imaginei que fosse querer se aproximar. Não depois de ter te deixado. Mas você o fez, e mais, confiou em mim sem sequer saber sobre algo. Por isso,

quero te pedir desculpas.

— Por que? — indaguei, completamente perdido.

— Por ter enchido a cara e considerado viajar para outro país sem colocarmos as cartas na mesa. Não dá *pra* fingir que esse reencontro depois de tanto tempo não mexeu com a gente. Vi isso no seu rosto, quando fugiu de mim naquele café. Porém, pessoalmente falando, ando em um momento da vida onde sinto as coisas em maior intensidade.

— Você parece cansada psicologicamente, baby. — interrompi-a. Era claro, ao notar o quanto ela parecia se segurar para não desabar a minha frente. — Por isso me afastou no jantar e...

— Pensei que gostasse de outra. — encarei-a incrédulo. — Patrice, para ser mais exata. — arregalei os olhos, sem conseguir considerar tal coisa. Não em infinitas vidas. Diana riu, claramente sem graça e parecendo entender o quão absurdo aquilo soava. — Por que dizer em voz alta, para você, torna isso ainda mais sem noção?

— Ela é como minha irmã mais velha, Diana. — falei sem hesitar. De forma, que nunca mais, Diana pensasse tal sandice. — Não sei se o meu jeito protetor com Pat possa ter te feito desconfiar disso... — passei as mãos pelo rosto, tentando lembrar da forma como Patrice parecia assustada comigo. — *Merda!* Acho que até ela considerou isso... Não duvido muito que seus amigos. — Diana assentiu, fazendo-me contorcer o rosto. Aquele pensamento era completamente absurdo. — Eu só... Só queria deixar claro para o tal Paul que Patrice tinha alguém ao lado, que ele não poderia machucá-la.

Diana me encarou, como se analisasse minhas palavras. Ambos parecíamos ter colocados em um tabuleiro de xadrez, entretanto, nenhum buscava a vitória. Estávamos, ao mesmo tempo, em cheque.

— Acho que existe um *mas* para ter agido de tal forma, assim como, por ter sumido por esses dias. — falou, e assenti, sabendo que me explicaria. Não era algo imposto, porém, *queria* me explicar para com ela. Para que entendesse que não saía de minha mente, de forma alguma. — Mas antes de chegarmos em mais um dos tópicos... — sorriu baixinho, e acabei fazendo o mesmo. — Quero que me desculpe por ter sido infantil.

— Baby, não precisa...

— Eu preciso. — rebateu rapidamente, e notei a fragilidade em seu olhar, ao mesmo tempo, que parecia determinada em conseguir meu perdão. — Preciso porque não sou esse tipo de pessoa, T. Não sou alguém que simplesmente aceita algo sem ao menos conversar. Apenas precisei de um pouco mais de tempo para perceber que não existia possibilidade de te deixar sair da minha vida. Não dessa vez. Não por minha escolha.

Suspirei, diante da forma como cada palavra soara. Nosso reencontro se tornara ainda mais emblemático do que antes. Era como se estivéssemos lutando pela mesma coisa, sem ao menos ter a plena noção do que o outro sentia. Se os sentimentos fossem postos a mesa, tinha certeza, não existiria chance de nos separarmos. Entretanto, ainda precisava lhe falar o que acontecera, e mais, como minha vida andava. Diana merecia mais do que poderia lhe oferecer, mas não a deixaria ir sem lutar. Não ao vê-la lutando por mim, sem ao menos ser merecedor.

— Eu te desculpo, baby. — falei, e toquei sua mão com a minha. Senti o calor de seu corpo que me trouxe um bem sem tamanho. Ela fora feita na medida certa para mim. — Não que ache isso necessário.

— T! — reclamou e apenas sorri de lado, com nossas mãos conectadas sobre o tampo da mesa.

— Bom, por onde posso devo começar? — suspirei

profundamente. — Quando passamos a noite juntos, recebi uma ligação, pouco antes de amanhecer. Era meu pai, e... Ele apenas me pediu para ir para casa. Que ele precisava de mim. — falei, e tentei ser o mais claro possível. — Ele nunca o faz. Ele nunca pede ajuda. Por isso, eu simplesmente saí do apartamento e não lhe disse um simples *tchau*. Sabia que algo muito ruim tinha acontecido. No caminho do elevador até pegar um táxi para o aeroporto, soube que minha irmã estava no hospital. — Diana me encarou perplexa, e aumentou o aperto de sua mão . — Ele não quis ser claro sobre o que aconteceu e quase pirei, imaginando que poderia não chegar a tempo ao hospital. Finalmente, cheguei e foi uma das poucas vezes na vida, que vi meus pais chorando. Os dois estavam abraçados, em claro desespero. Mal conseguiam explicar o que aconteceu. O médico apareceu, e felizmente, disse como minha irmã estava. Ela... estava inconsciente. — engoli em seco, não conseguindo falar sem reviver o momento em minha mente. — Bailey foi espancada pelo namorado. — Diana arregalou os olhos, como se não conseguisse acreditar. Nem eu conseguia. — Meus pais a encontraram desacordada em seu apartamento na cidade. Robert quase a espancou até a morte. Só não o fez, porque... Porque a pessoa que cuida da limpeza do apê apareceu.

— Meu Deus!

— Naquele momento, soube porque meu pai não queria me contar. Não pelo telefone. Mas isso não adiantou, porque eu conhecia Robert, ele estudou comigo e frequentava nossa casa desde quando éramos crianças. Ele era meu amigo, baby. — falei, sentindo a culpa me atingir. Tudo que se passara por minha mente, era que se não tivesse o deixado se aproximar, Bailey não teria o conhecido. — Assim que soube que o quadro de Bailey era estável, fui atrás de Robert. Não foi muito difícil encontrá-lo, e quando o fiz, sabia que não ia parar até o ver caído no chão sem respirar. —

assumi, sentindo-me um pouco mais leve ao falar sobre. — Mas ele sabia que eu iria, e além de tudo, tem uma família tão influente quanto a nossa.... Não consegui acertar as contas, não até agora. Isso me consome a dias, Diana. Ver minha irmã se recuperar aos poucos e ao mesmo tempo, não poder quebrar a cara daquele desgraçado.

— A polícia? — Diana perguntou e tentei não estourar diante daquilo.

— Ele fugiu e até agora, mesmo depois da denúncia de Bailey, não o encontraram...

— Eu... Eu sinto muito, T. Eu nem consigo imaginar como é isso. — Diana falou baixo, como se em uma tentativa de me acalmar. Sua sinceridade era nítida, porém, meu ódio por Robert também deveria estar transparecendo.

— Bailey melhorou e já está em casa. — contei-lhe, e Diana soltou uma respiração profunda, como de alívio. — Passei os dias com ela, e tentando seguir à risca o que me pediu. Ela não quis que Patrice soubesse de algo. Ela sabe que Pat largaria tudo para vir pra cá, mas praticamente implorou para ninguém contar. As duas tiveram alguns desentendimentos, que sequer entendi ao certo, mas... Enfim, respeitei o pedido de Bailey. Por isso, Pat não pegou o primeiro voo para o Canadá como eu.

— Eu... Sabia que algo tinha acontecido quando acordei sem você ao meu lado, mas nunca imaginei que... Eu sinto muito mesmo, T. — falou, e notei lágrimas descendo por seu rosto. — Não sei o que pensar a respeito do que sua irmã passou. Isso me causa...

— Frustração e desespero. — complementei, e Diana assentiu.

— Por isso viajou às pressas para cá de novo? Bailey...

— Não, nada com ela. Ela está na casa dos meus pais, e pelo que vi

hoje, as marcas finalmente começaram a sumir. Bailey tenta fingir que está tudo bem, nos convencer disso, mas é claro que não está. — respirei fundo, tentando não pensar tanto a respeito. Não ali. — Desta vez, voltei porque no meio de toda essa turbulência, fui demitido. — Diana não conseguiu disfarçar a surpresa em seu olhar. Sorri completamente sem graça, tentando aliviar o clima. — Vim para uma entrevista de emprego mais cedo, e agora, meu pai pediu para que acompanhasse uma reunião.. Ele não consegue ficar longe de Bailey. Assim, teve que contar com o filho que mal entende sobre ações.

— T... Por que parece se desmerecer tanto? — indagou, e suspirei. Ninguém nunca pareceu notar aquele meu lado. — Você contou sobre sua irmã de uma forma muito clara, como se desabafasse sobre. Sinto-me muito grata pela confiança. Mas ao falar sobre a demissão, parece querer fugir do assunto.

— Eu vi como sua vida é, baby. Vi os lugares que frequenta, seu apartamento, o que seus amigos têm e o padrão de vida que se enquadra. Agora parece saber muito bem de onde venho e quem é minha família. Nunca usei o sobrenome Michaels pelas portas que se abrem apenas por dizê-lo. Eu não te contei sobre, mas me formei na Julliard e assim, depois de trabalhar em dezenas de lugares, me encontrei como professor. Eu amo o que faço, amo música... Hoje, fiz uma entrevista de emprego, e estou esperando retorno. Tenho um bom dinheiro no banco, mas nada comparado com o que deve ter, baby. Eu sei que nunca...

— O que está tentando dizer ou me convencer? — indagou, e notei a determinação em seu olhar. — Que me importo com o quanto ganha, ou que vamos comparar nossos salários? Olha bem *pra* mim, T. Diz que em algum momento *realmente* acreditou que me importo se trabalha como executivo ou como professor?

— Dia, eu não quero te decepcionar.

— Acredite, quando digo, que nunca o fez. — rebateu, e um sorriso lindo emoldurou seu rosto. — Mas acho que além de tudo, parecemos a claras sobre você. O que me falta contar a respeito de Paul. — falou cuidadosamente, claramente não querendo permanecer no assunto sobre meu trabalho. Ela parecia realmente não se importar com o fato de mesmo tendo um sobrenome importante, não o usar para ter uma vida melhor. — Mas antes... Eu te admiro, T. Admiro a coragem que sempre pareceu ter para enfrentar o mundo. Nunca cairia na estrada, minha metódica não deixaria. Você escolheu viver do seu jeito, seguindo sua vontade... A maioria das pessoas não o faz. Eu vi isso em amigos próximos, na realidade, em meus melhores amigos. Às vezes, optar por ser quem realmente é, se torna muito mais difícil do que parece. Te admiro pelo que foi no passado e ainda é para mim. Não me importo se vai a reuniões, lava pratos, faz cirurgias, canta numa banda... O que sempre me importou foi você. Tive a sorte de me olhar naquela noite e me entregar seu coração.

— Dia...

— Calma, eu preciso falar. — olhou-me, como se pedindo permissão. Assenti, dando-lhe toda minha atenção. — Não sou boa nisso, acho que não lembro a última vez que desabafei com alguém, mas... Com você, sempre pareceu simples. Você me descomplica ao simplesmente me olhar, T. Nunca acreditei em amor à primeira vista, mas depois de cinco anos, e ainda sentir essa sintonia com você... meu coração a ponto de sair pela boca. Acredite, passei a crer em conto de fadas. Por isso, quero começar o meu. — fiquei pasmo, tentando digerir suas palavras. — Paul, Klaus e eu sempre fomos melhores amigos, e sempre faço o que posso por quem amo. Por isso, Paul e eu fingimos um namoro... — foi a minha vez de arregalar os olhos. — Existia um contrato sobre a união Russel-

Harper...

— Lia? — indaguei, começando a me situar.

— Ela e Paul deviam se casar... Desde jovens sabem disso. — comentou e me encarou claramente odiando o assunto. Não me surpreendera muito tal fato. Meus pais contavam várias histórias sobre fusões de empresas através de casamentos. — Paul e eu notamos uma diferença drástica em Klaus quando a data de anúncio do noivado se aproximava. Sempre desconfiamos que ele gostasse de Lia, e esse foi o ponto chave para assumirmos um namoro. Klaus tem seus motivos para ser assim, mas ele raramente age pelo que quer. Então, basicamente, estando namorando, ele assumiu o lugar de Paul.

— Lia aceitou isso sem discordar ou...

— Ela e Klaus praticamente não se olhavam, ao menos, por conta de algo no passado. No fim, acho que fizeram como nós, colocaram as cartas na mesa e... Ela o pediu em casamento por amor. — contou e suspirou, como se aprovasse o desfecho daquele casal. — Eles são perfeitos um para o outro.

— Você é linda! — declarei e Diana sorriu, claramente não esperando meu elogio. — Como pode ser tão perfeita? — indaguei.

— Acredite, estou longe disso... mas sei que estamos no caminho certo, T. Cartas na mesa e admiração mútua. O que pode dar errado entre nós? — perguntou, e não pude evitar sorrir. Tudo parecia, finalmente se descomplicar. — Eu te quero, T. Uma chance para vivermos o que tanto quisemos no passado.

— Baby, eu nos dou até um milhão delas. — peguei sua mão e levei até minha boca, depositando um leve beijo. — Eu nunca quis nada além disso.. Apenas me aceite como seu.

— Eu já sou sua. — falou e sorri, querendo que aquela mesa não estivesse entre nós. Para poder beijá-la da forma que necessitava.

— Gostariam de pedir?

A voz do garçom nos chamou para a realidade, e só então me lembrei que os minutos passaram e ainda estávamos na água que trouxeram. Diana sorriu, e não respondeu rapidamente, encarou-me de forma sedutora, como se deixasse claro o que realmente queria. *Se ela soubesse...* Meu único pedido era ter aquela mulher incrível como minha.

Naquela noite, na próxima e em todas as demais. Nunca teria o suficiente dela, tinha certeza. Porque apenas por olhá-la, o mundo se tornava um lugar mais iluminado. Diana trouxera luz para minha vida. Aceitava-me como era. Nada nem ninguém se comparava. Ela era única. Ao menos, para mim. Torcia que apenas aquilo importante, e significasse o mesmo para ela.

Capítulo 12

“Sometimes I wake up late and don't even brush my teeth

Just wanna stuff my face with leftover mac and cheese

You know I get depressed, are you impressed with my honesty?

Still I wear what I wanna, 'cause I'm cool with what's underneath.”^[18]

Diana

— Eu vou ficar bem. — falei mais uma vez para minha mãe, que parecia um tanto desconfiada. — O que foi? — perguntei, e me afastei de seu abraço.

— Sinto que não parece tão certo sobre seu destino. — comentou, e suspirei, sem conseguir disfarçar. — *Ah meu Deus!* Existe um cara. Por favor, me diz que não é armação dessa vez!

— Mãe! — reclamei sorrindo, e ela apenas continuou me encarando, como se fosse aconselhar sua filha de dezesseis anos sobre o príncipe encantado. — Eu o deixei ontem, quer dizer, combinamos que seria bom passar um tempo longe, curtir a viagem no Brasil e...

— Diana, minha princesa, você sabe muito bem o que sempre lhe ensinei. Ninguém amo o outro, caso não ame a si. — tocou em meu peito, sobre meu coração. — Você sempre foi forte, independente e se ama. Sou muito orgulhosa por isso. Mas vejo que em outras áreas da sua vida... — suspirou, como se pensando em como abordar o assunto. — Podemos ser

felizes sozinhos, essa não é a questão. Entretanto, você pode escolher estar com alguém. Alguém que some.

— De que livro veio toda essa inspiração e psicologia barata? — indaguei, provocando-a. Mesmo tendo noção completa de que ela tinha toda a razão. Mamãe me conhecia muito bem. Poderia julgar, que melhor que mim mesma. — Eu sei que está certa, mas... T e eu somos um caso diferente. Acredita em amor à primeira vista, mãe?

— Acredito em raiva, para ser sincera. — falou e sorriu amplamente, como se lembrasse de algo. — Seu pai foi raiva no mesmo instante, mas eu nunca soube denominar corretamente. Por que ele me incomodava tanto? — ela claramente tinha a resposta. — Só percebi o que realmente era quando nos beijamos. Talvez tenha mais sorte, por já perceber que se apaixonou ao vê-lo.

— Sorte? — indaguei.

— Filha, acha mesmo que todo mundo consegue amar e ser amado? — lembrei-me de Spencer no mesmo instante. — Eu acredito que existe muito além de um olhar, toque ou beijo... Porém, o coração sabe o que quer, quando vê aquilo que realmente deseja. Se esse tal T vale a pena, por que passar tanto tempo longe dele? — perguntou e a encarei um pouco sem graça, lembrando-me da conversa que tivemos.

— *Poderia ficar aqui para sempre. — falei, sentada a sua frente, na banheira de seu apartamento.*

— *Então fique. — pediu, e deitei a cabeça em seu ombro.*

Suas mãos estavam sobre meus seios, e não podia evitar aprová-lo por ser feito na medida certa. T não conseguia manter suas mãos afastadas de mim, assim como eu não conseguia me afastar de seu toque. Mesmo depois de nos amarmos, não parecia o suficiente. Talvez porque

fosse ele. Talvez ele fosse o cara que minha mãe sempre jurou que conheceria e faria minhas muralhas cederem. Se ela ao menos soubesse...

— Sabe que posso ficar mal-acostumada. — provoquei, e senti seu sorriso em minha pele, em seguida, uma mordida no ombro.

Nunca fora uma mulher religiosa, mas se o paraíso existisse, imaginava-o naqueles mínimos detalhes. Troian a minhas costas, seu toque em meu corpo, a água quente embalando nossos corpos e uma música que parecia transbordar os sentimentos. Nada além.

— Então fique. — pediu novamente e minha mente rodou. Abri os olhos e encarei os seus. T me olhava com carinho, ao mesmo tempo, notava que queria dizer muito além através daquelas duas palavras.

Ele não sabia, mas mesmo depois de nos decidirmos que seria bom um tempo separados, para entendermos como funcionaria nossas vidas dali por diante, ainda me encontrava em um mar de indecisões. Ele não me forçaria a algo, muito menos a ficar. Talvez, o medo maior, fosse não nos vermos mais, de forma definitiva. Eu o deixara uma vez, por que não o faria novamente? Entendia por completo sua insegurança.

— Eu quero ficar, T. — suspirei, beijando seu pescoço. — Queria que fosse mais simples.

— Eu também, baby.

Nossos lábios se chocaram, e naquele beijo lento e sensual, soube que não poderia escolher estar longe, mesmo que fosse o correto para minha alma naquele momento. De alguma forma, que não sabia explicar, meus medos e insegurança pareciam voar para longe. Bastava seu toque. Por isso, eles se tornavam ainda maiores ao pensar sobre. Por apenas pensar que alguém pudesse ser o dono de minha sanidade mental. Não poderia. Eu deveria ter controle.

— Lembra da crise de pânico que tive, há cerca de dois anos? — indaguei e minha mãe assentiu, claramente sem saber onde queria chegar. — Comecei a ter crises de ansiedade nos últimos meses, mãe. E temi que chegasse ao pânico. Por isso, estendi o tempo da viagem. Para colocar minha cabeça no lugar.

— Por que não pode colocar sua cabeça no lugar ao lado do homem que claramente quer? — perguntou e suspirei profundamente.

— Porque não quero depender de alguém emocionalmente. — confessei. — Temo me tornar alguém que deposita sua felicidade em outra. Sabe que sou controladora, superprotetora, metódica e...

— Eu te vejo e te admiro, por ser uma mulher incrível. — cortou-me rapidamente. — Você precisa entender que amar alguém é diferente de dependência. Teve alguma crise desde quando estão juntos? — indagou.

— Os últimos dias com ele foram incríveis, não tive sintoma algum. — revelei, sentindo-me um tanto quanto inconstante. — É como se T fosse meu porto seguro e...

— Não a nada mal em ter alguém como porto seguro. Um dia, nós fomos o seu, Diana. Por que esse tal “T” não pode se tornar parte? — indagou e fiquei sem respostas. — Acho que tem medo de se entregar. Sempre teve. Mas com ele é diferente, vejo pela forma que fala sobre. O começo sempre é mais leve, filha. Ter um relacionamento feliz não condiz com ser sempre feliz. Eu tenho meus momentos, de simplesmente deitar na cama e ficar olhando para o teto... Problemas psicológicos existem e lutamos contra eles, todos os dias. É uma guerra sem fim, mas o que conta é vencermos as batalhas.

— Acha que possa estar tendo mais medo de amar do que simplesmente depender dele? — perguntei e ela assentiu, puxando-me

novamente para seu abraço.

— Acho que está na hora de me dar netos. — sussurrou em meu ouvido, fazendo-me pular para trás.

— Mãe! — reclamei e ela gargalhou alto. — Mal tenho um relacionamento e...

— E nada! Já pode me dar um netinho ou dois... Sabe que temos casos de gêmeos na família. — falou animada e a encarei incrédula. — Mas sério, se quer ficar com ele, aproveita... Vai e simplesmente fica.

— Simples assim? — indaguei.

— A vida é simples, a gente que complica. — piscou em minha direção e sorri, sabendo que nada no mundo parava mamãe e sua psicologia barata.

Ela poderia não ser formada na área, mas praticamente engolia livros a respeito. Era sua maneira de encontrar razões para coisas que não conseguia compreender. Eu a amava, por sempre ter algo certo para dizer no melhor momento. Elle Carter era minha heroína.



Dei tchau para meus amigos, em meio a abraços e sorrisos abertos. Notei claramente a preocupação no semblante de Patrice, e senti-me mal por não poder dizer nada. Não poder lhe dizer que T estava bem e que na realidade, ele se mantinha afastado por outros “n” motivos. Ainda mais, por não conseguir mentir para ela, caso perguntasse se algo acontecera. Existia algo entre Bailey e Patrice, que ainda não conseguira entender. Mas

sentia que a própria Patrice sequer desconfiava.

Puxei minha grande mala e andei em direção ao embarque. Parei na fila e comecei a procurar meu celular dentro da bolsa, que mais uma vez, parecia um buraco negro. Não conseguia localizar nada quando estava apressada. Achei-o, minutos depois, dentro de um bolso na lateral, que sequer me lembrava da existência. Peguei-o e percebi um papel cair do mesmo. Acreditei ser alguma nota fiscal perdida, que parecia colecionar dentro da bolsa, e já a amassaria. Porém, de algum jeito, acabei lendo o que era. Não saberia dizer porquê, mas tinha a mania de querer lembrar onde acabara meu dinheiro.

Meu coração falhou uma batida, ao virar o papel e ver sua letra ali. Era realmente uma nota fiscal, mas em seu verso, T escrevera. Sorri, sem saber ao certo o que pensar e muito menos o que fazer.

Acho que escrever para você se tornou uma de minhas coisas favoritas no mundo.. Até breve, baby. Já sinto sua falta.

Levei o papel ao peito, e notei que era minha vez de mostrar o cartão de embarque. Paralisei e olhei ao redor. *O que estava fazendo?* Não... Não poderia fazer aquilo. Não naquele momento. Que meus medos e incertezas se enterrassem sozinhos. Eu queria e podia ficar ao lado de T. *Por que não?* Minha sanidade me pertencia. As palavras de minha mãe vieram em mente. *Simples assim.*

Horas depois, após um voo tranquilo até Ottawa, estava parada a

frente do apartamento de T. Olhei para meu celular, que marcava cerca de quinze horas. Senti meu estômago reclamar, e lembrei que não comera nada o dia todo, a não ser um iogurte. Precisava me atentar aquilo, a falta de fome andava me assustando. Parei a frente de sua porta e mexi em minha bolsa, até encontrar a chave.

Ele me dera a chave do apartamento, no momento em que me deixou no aeroporto a cerca de um dia.

— *Posso considerar como a chave de seu coração, garoto? — indaguei, e ele sorriu, puxando-me para mais um beijo.*

Última chamada para o voo...

— *Pode considerar o que quiser, baby. O que quiser de mim, já é seu. — derreti-me e o puxei para mais um beijo.*

Saí de minhas divagações ao ouvir o barulho da porta do lado.. Seu vizinho saiu e me cumprimentou com um leve aceno de cabeça. Encarei aquela chave, imersa em lembranças sobre nós. Não queria deixá-lo há um dia. Então... *Por que o fiz?* As palavras que tanto queria dizer, ficaram travadas em minha garganta. Temia por ser precipitada, e ainda mais, por não ter controle sobre meus sentimentos.

Entretanto, como controlar o que se sente? Se o pudesse, já o teria feito a muito tempo. A realidade era que me assustava não estar no controle e mesmo assim, sentir-me em nirvana ao seu lado. Como correr daquilo que tanto desejou, em cinco anos? Estar novamente nos braços e poder tocar o homem que fez parte de meus sonhos, como um fantasma. Como o único.

Abri a porta do apartamento e entrei, deixando a grande mala ao lado direito da porta. Fechei-a e encarei o local que em tão pouco tempo me fez sentir em casa. Naquela carta, a qual guardara por completo em

minha mente, assim como, carregava para onde ia, T afirmou que era o lar que ele nunca imaginou ter. Ele se tornara o meu.

Fui em direção a cozinha, e o silêncio por todo o apartamento declarava que ele não estava. T não era a pessoa mais silenciosa do mundo, longe daquilo. Peguei uma garrafa de água na geladeira e tomei um longo gole. Parei, encostando-me contra o balcão e senti meu corpo amolecer. Minha vista embaçou e tentei me manter em pé. *Merda de pressão baixa!*

Andei em direção a sala, escorando-me na parede, e tentei chegar ao sofá e me sentar. Senti-me ainda mais fraca e a visão nublou por completo. Parecia ouvir algo, mas não soube detectar o que era. Senti-me ainda mais leve e de repente tudo se tornou escuro e inaudível.

Capítulo 13

“É, e só de pensar
Sei que já vou estar
Morrendo de amor
De amor.”^[19]

Treia

— Está gostando das aulas, professor?

Fechei a capa de meu violão e levantei o olhar. Olhei para a mulher ruiva parada a minha frente e tentei me lembrar de onde a conhecia.

— Não me diga que não se lembra de mim. — falou e entrou na ampla sala. Conhecia aquele tipo de olhar, e não estava nem um pouco interessado em joguinhos. Não mais. — Ensino médio, Messina.

Passei as mãos em meu jeans e me levantei, colocando o violão nas costas. Encarei-a mais uma vez e tentei descobrir quem era, para então, encurtar a conversa. Não era adepto a conhecer pessoas, nunca fora. Ainda mais, num dia em que minha mente estava em qualquer local, menos conectada a música. Teria que admitir, que estar longe de Diana, trazia-me um medo incomum. O medo da perda.

— Sinto muito, senhorita. — falei, tentando parecer formal.

Ela deu mais alguns passos à frente e parou, encostando-se em uma

grande mesa de madeira. Não poderia negar que era uma bela mulher, entretanto, não teria como olhá-la de outra forma. Lembrava-me bem, mesmo depois de anos longe de Diana e sem perspectiva alguma de aquilo fora mesmo real, a comparação que fazia nas mulheres que passaram em minha cama com ela. Era como torná-la minha musa. Naquele momento, sabia que sempre estive certo. Era ela.

— Bom... — abriu um sorriso largo, o qual não me cativou. — Alex, ex-namorada de um de seus melhores amigos.

Pisquei algumas vezes e um estalo se deu em minha mente. Quais as probabilidades de estar à frente da mulher que Charlie perdera no passado?

— Sim, ex do Charlie. — revirou os olhos. — Continua o mesmo Messina, caladão e misterioso.

— Sinto por decepcioná-la, Alexandra. — não, eu não sentia. — Preciso ir! — anunciei e forcei um sorriso, passando por ela.

Saí da sala de aula de violão e entrei no longo corredor da nova escola de música que conseguira o emprego. Mesmo, depois de uma vida inteira fugindo de meu sobrenome, encontrava-me ali, contratado por apresentar Michaels na carteira de motorista.

Cheguei ao estacionamento e abri a porta do carro, colocando meu violão no banco de trás. Entrei no carro em seguida, com a dúvida do que Alex fazia dentro da escola de música. Se conhecia alguém que não apoiava tal hobby ou profissão, era ela. Liguei o som e saí dali. Assim que o primeiro verso da música soou, sorri, sem conseguir me conter, mesmo que minha preocupação fosse maior que felicidade. Diana partia naquele dia. Talvez tocar aquela música a noite se tornaria um hábito pelas próximas semanas afastados.

*“Às vezes, no silêncio da noite
Eu fico imaginando nós dois
Eu fico ali sonhando acordado
Juntando o antes, o agora e o depois*

*Por que você me deixa tão solto?
Por que você não cola em mim?
Tô me sentindo muito sozinho*

*Não sou nem quero ser o seu dono
É que um carinho, às vezes, cai bem
Eu tenho os meus desejos e planos secretos
Só abro pra você, mais ninguém.”^[20]*

Teria que melhorar meu português, o que remetia a parte de minha família que vivia no Brasil. Sorri, imaginando que se os acasos da vida não acontecessem, poderia estar viajando ao lado dela. Entretanto, se os acasos não ocorressem, não a teria encontrado novamente. Seria grato ao destino, eternamente. Por colocá-la a minha frente.

Suspirei, pensando em como os últimos dias tinham sido e a forma como soube que aquele sentimento nunca morreria. Eu a amava, sem dúvida alguma. Sabia o que sentia e o que tinha para lhe dizer. Contudo, ficara claro que Diana precisava de espaço. Ao menos, naquele momento. Não a forçaria a ficar, nunca. Era sua decisão, assim como sua promessa de

que voltaria.

Ainda não tínhamos ideia alguma de como seria o futuro, mesmo assim, depois de muito tempo parei de teme-lo. Algo em meu interior idealizava muitas coisas, em todas, ela estava inclusa. Era como se soubesse, em meu âmago, que éramos feitos um para o outro. O clichê mais bonito para se admitir. Admitir que estávamos destinados.



Minutos depois cheguei ao meu prédio, sentindo um cansaço sem explicação. Assim que desliguei o carro, peguei o celular no bolso, abrindo diretamente em seu contato. *Nenhuma mensagem.* Olhei as horas e sosseguei, já sabendo que ela estava no voo. Voando para longe. Poderia ser um homem frio para muitas coisas, mas não conseguia disfarçar o quanto temia nunca mais vê-la. Os versos de Caetano passando por minha mente.

*“Por que você me esquece e some?
E se eu me interessar por alguém?
E se ela, de repente, me ganha?”*

— Relaxa, Troian! — recriminei-me e bloqueei a tela do aparelho.
Tirei meu violão do banco traseiro e saí do carro, ligando o alarme.

Assim que adentrei o elevador, encostei-me contra o metal frio e comecei a repensar o que fazer. Não era adepto a nenhuma arte marcial que pudesse extravasar o medo que me atingia. Talvez, fosse um sinal para começar. Caso cantar não fosse o suficiente. Era complicado entender que estava tão longe fisicamente, mas ao mesmo tempo, tão perto emocionalmente *dela*.

O elevador finalmente parou, e um tanto quanto desanimado, andei em direção a meu apartamento. Abri a porta e suspirei, ainda pensando na mulher que levava com ela, grande parte da luz que se fizera em minha vida. Entendia suas razões, assim como, as minhas. Diana prezava por se reencontrar, e eu estaria ali, para quando se sentisse completa mais uma vez.

Fechei a porta e desci o violão das costas, deixando-o de lado. Virei meu olhar e paralisei ao ver uma mala grande na cor rosa. *O que?* Senti uma angústia sem precedentes tomar conta de meu ser e olhei para frente. Meu mundo parou e fiquei pasmo por um milésimo de segundo.

— Baby! — falei, e em três passos cheguei a ela, que estava caída no meio da sala de estar.

Levei os dedos ao seu pulso, enquanto esperava alguma reação. Ao sentir sua pulsação, soltei o ar, e a peguei no colo. Toquei seu rosto e senti sua leve respiração. Meu coração parecia querer explodir no peito, e pela primeira vez, não era algo bom. Não sabia ao certo o que fazer, e apenas saí do apartamento, na intenção de levá-la diretamente para o hospital. Sem conseguir raciocinar, a coloquei com cuidado no banco do passageiro e saí do prédio. Dividi-me entre o trânsito e sua respiração, enquanto tentava não pirar. Naquele momento, entendi o quanto a vida não valia de nada. O quanto a minha vida era nada se ela não estivesse ali.

— Baby, acorda. — pedi, mesmo sabendo que seria em vão. Ela

estava completamente desacordada.

Saquei o celular e disquei para minha mãe, esquecendo-me por completo de qualquer orgulho besta. Deixei-o no viva-voz e pedi que me ajudasse. Que me dissesse como me acalmar diante da mulher que amava completamente desmaiada ao meu lado. Em meu interior, sentia-me como um menino de cinco anos de idade novamente, assustado diante do escuro. Naquele momento, meu medo era perder uma de minhas maiores razões. Diana tomara meu coração. Ela tinha que acordar e ouvir as palavras. Que uma vez foram dela e que sempre lhe pertenceram.

Capítulo 14

“Loving you was young, and wild, and free
Loving you was cool, and hot, and sweet
Loving you was sunshine, safe and sound
A steady place to let down my defenses
But loving you had consequences.”^[21]

Diana

Sentia-me muito fraca e abrir os olhos nunca fora tão difícil. Mesmo assim, o fiz. Talvez de forma mais lenta que o costumeiro.

Pisquei algumas vezes, tentando ampliar meu campo de visão e não compreendi o que acontecia, quando encarei T, que matinha um semblante claramente desesperado e percebi que estava em seu colo.

— T. — falei, e notei o quão baixa minha voz soou.

— Baby. — ele parou, e me encarou, tocando meu rosto levemente.

— Onde estamos? — perguntei, tentando olhar ao redor, porém, na posição que estava, não me saí bem sucedida.

— No hospital. — comentou e voltou a andar. — Te encontrei desmaiada no chão da sala e não soube o que fazer.

— T, eu estou bem. — falei, tentando sair de seu colo, porém, ele não permitiu. — T! — tentei soar mais alto, o que foi em vão. T não parou

até chegarmos a uma recepção e pedir para que fosse atendida por um médico chamado Louis. — T! — tentei sair de seu colo novamente, sem sucesso. — Troian! — falei firmemente e seu olhar glacial encontrou o meu. Notei o temor por todo seu rosto e comecei a entender o que acontecia. — Eu posso ficar em pé agora, garoto.

— Eu posso te segurar até que o médico chame. — falou decidido e sorri, tocando seu rosto.

— Eu sei, T. Mas se não me deixar sair de seu colo... — notei os olhares de alguns funcionários e pessoas que aguardavam. Com toda certeza éramos um show atrativo. — Não vou falar com médico algum. — complementei e ele me encarou perplexo.

— Baby...

— Estou falando sério, T.

— Ok. — falou, mesmo que a contragosto.

Com todo cuidado, ele parou a frente de uma cadeira e me sentou, como se fosse quebrar a qualquer instante. Eu o admirava, e naquele momento, o fiz com mais afinco. T cuidava daqueles que se importava, e entendia, que não existia maior declaração de amor que aquela. Toquei seu rosto, no momento em que me sentei, e o puxei para o meu, dando um leve beijo.

— Oi, garoto. — falei, tentando amenizar o clima ao nosso redor. T me encarou, e se sentou ao lado, claramente tão preocupado que sequer se perguntou o que *eu* fazia ali. Já que deveria estar no voo para o Brasil.

Antes que ele pudesse me responder algo ou pudesse falar, uma voz desconhecida o chamou.

— Troian.

Olhei para o lado, e notei uma mulher de cabelos loiros no mesmo

tom que o dele, só que em um corte chanel. O olhar que tanto admirava era idêntico, e ela trazia um sorriso preocupado no rosto. Da cabeça aos pés, ficou claro, aquela era sua mãe. *Por que de repente desmaiar se tornou uma ótima opção?*

— Oi, mãe. — levantou-se e a abraçou, e apreciei aquele gesto de carinho. — Obrigado por vir.

— Filho, você usou *mulher da minha vida* e *desmaio* na mesma frase... Como poderia não vir? — ela claramente o provocava, e não consegui conter um sorriso. Ainda mais, por ter sido chamada de mulher de sua vida. — Então, essa é ela? — indagou, encarando-me, e tentei me levantar para cumprimentá-la, o que foi em vão.

T parou a minha frente e impediu tal feito.

— Baby, acho melhor ficar sentada. Logo o médico vai te chamar e veremos...

Bufei e notei o semblante admirado que sua mãe nos olhava. Ela então se aproximou e sentou-se do meu lado esquerdo.

— Sou Gabriela Michaels, mãe do desesperado ao seu lado.

— Mãe! — tentou repreende-la, o que não fez qualquer efeito.

— Qual o seu nome, querida? — perguntou, e me encarou, como se analisasse cada trejeito. Comecei a imaginar como seria intimidador quando T conhecesse meus pais, principalmente, minha mãe. Ela não era muito boa da cabeça.

— Sou Diana Carter. — falei e sorri em sua direção. — Mulher do desesperado ao lado. — pisquei para ela, que sorriu abertamente.

— Acho que demorou, mas você acertou, meu menino. — fiquei admirada diante da forma carinhosa que ela o tratava.

— Eu sei, mãe. — ele falou firmemente e uma voz soou, chamando meu nome. Sequer entendia como T conseguira agilizar tudo tão rápido. — Eu entro com você, baby. — continuou e apenas assenti.

— É um prazer em conhecê-la, mesmo nessa situação. — falei para sua mãe e trocamos um beijo no rosto.

— O prazer é todo meu. Tenho certeza que não será nada demais.

— Eu também. — falei e sorri para ela, levantando-me da cadeira e basicamente sendo escorada por T, mesmo sem necessidade, até o consultório do médico.

Adentrei a sala branca e sabia de cara qual seria o resultado daquilo. Apenas não me dei o próprio diagnóstico por notar a preocupação em T. Ele merecia ter uma opinião médica para entender que me ver desmaiada não era algo raro. Tinha a pressão baixa e pelo conjunto de coisas atuais, como não estar comendo bem, foi a somatória perfeita para um desmaio.



Os poucos minutos que pensei que passaríamos no consultório se tornaram horas. O tal médico que T chamara, era conhecido de sua família, e me fez o todo tipo de pergunta. O que resultou em estar naquele instante, em uma cama de hospital, recebendo soro.. T permanecera ao meu lado, sentado numa poltrona lateral, sem me tirar de seu campo de visão.

Esperávamos alguns resultados de exames de sangue, os quais, o

médico afirmou serem imprescindíveis. Ele parecia não querer me tirar dali enquanto não me desse um diagnóstico certo e sem hesitação. Acomodei-me melhor contra o travesseiro macio, e entendi o que T quis dizer com as portas abertas por ter seu sobrenome. Com toda certeza, o sobrenome não pagava aquele quarto de hospital, mas o dinheiro que tinham, o fez.

Amava Troian por tantos motivos, que não saberia listá-los por completo. Mas dentre eles, tinha a plena certeza, que amava um homem que não se importava com dinheiro e status, mesmo sendo de uma família influente. Aquilo era mais do que importante para mim, pois cresci no meio, e sempre condenei aqueles que viviam em função de tais ideais.

Até o momento, ele apenas me olhava, como se fosse um cristal precioso. Tentei falar com ele a respeito de estar ali, mas T parecia tão nervoso e preocupado, que claramente não raciocinava a respeito do que eu fazia em seu apartamento. Ele apenas focou na parte de estar desmaiada. O que não desmerecia sua preocupação.

— T... — chamei-o.

Batidas na porta chamaram nossa atenção e logo o médico entrou. Ele era um senhor de idade, que parecia saber o que tinha apenas sob o olhar avaliativo. Não saberia dizer o que realmente senti quando me encarou. Ele era aquele tipo de médico com tanta experiência, que podia jurar, já sabia de tudo antes mesmo dos resultados dos exames.

— Já saíram os resultados, doutor? — T perguntou, levantando-se e parando ao meu lado.

— Calma, calma, menino. — falou e com toda certeza, o conhecia há muito tempo. — Estou com os resultados aqui. — bateu na prancheta que carregava. — Acredite, a vida dos dois não será mais a mesma.

— O que? — indaguei, e logo senti a mão de T apertar a minha. Ele parecia a ponto de um ataque de nervos ali dentro.

Senti-me acuada, porque não esperava por nada muito elaborado. Apenas a pressão baixa e má alimentação, e com toda certeza, teria falta de nutrientes no papel que olhava. Não soube o que pensar. *O que poderia mudar radicalmente nossas vidas?*

— Bom, vamos ao ponto, não é? — perguntou e parou ao meu lado. — Parabéns senhorita Carter, você está grávida.

Arregalei os olhos e tentei encontrar algum resquício de brincadeira na fala do médico. Porém, ela não existia. O aperto de T em minha mão aumentou e senti-me estado de choque. *O que?*

— O senhor pode repetir, por favor. — pedi, e ele sorriu abertamente.

— Claro que sim. — mexeu nos papéis que trazia. — Os seus sintomas são clássicos de começo de gestação. Está com cerca de duas semanas.

Paralisei e minha mente girou. Levando-me diretamente para a primeira noite com T. Não fazia sentido algum. Tudo bem que não tínhamos usado camisinha, mas eu me prevenia. Tomava regularmente, como um ritual, o anticoncepcional. Aquele noventa e nove por cento de eficácia me veio em mente, como dando a resposta.

— Vou lhes dar licença para conversar. — o médico falou, sentindo que a notícia me chocara.

Assim que a porta se fechou, levantei meu olhar e procurei o de T. Foi como levar um tapa na cara diante de minha paralisia, ao notar que lágrimas desciam por seu rosto. Ele não as escondeu, muito menos pareceu em choque diante da notícia. Nós seríamos pais.

Levei minha mão livre até a barriga plana e tentei imaginar como seria dali alguns meses. Logo suas mãos cobriram as minhas e ele me encarou, com lágrimas.

— Eu pensei tantas coisas, baby. — falou, fazendo-me ficar emocionada. — Pensei que poderia te perder e...

— Eu estou aqui. — cortei-o. — Mesmo que não tenha perguntado ou juntado as peças por estar preocupado comigo. Eu estou aqui para ficar. Porque escolhi ficar com você, garoto.

T arregalou os olhos e pareceu finalmente notar o que se passava. Segundos depois um lindo sorriso se abriu em sua boca, presenteando-me com o homem que amava.

— Nós vamos ter um filho. — falei, e ele assentiu, tocando minha barriga. — Um bebê nosso, T.

— Eu nem sei o que pensar, a não ser, que sou um *puta* sortudo, baby. — gargalhei, e senti lágrimas descerem por meu rosto. — Só quero que esteja feliz.

— Eu estou... Mais do que um dia pensei poder estar.

Sem me dar chance para continuar falando, seus lábios encontraram os meus. Era como estar em casa. Ele estava certo naquela carta, sobre como se sentia a respeito de mim. E eu, sabia muito bem como me sentir diante dele, a partir daquele momento. T também se tornara meu lar. Teríamos mais um pedacinho da gente para somar e multiplicar o que sentíamos.

Não me imaginava como mãe, não naquele instante. Entretanto, as coisas pareciam ter um motivo e não o indagaria. De alguma forma, era como se fosse a hora certa. Sempre fui uma pessoa controladora e dona de mim mesma, ali, senti que a vida realmente acontecia nos pequenos

momentos. E aquele, se tornara um dos favoritos da minha.

Eu, T e nosso pedacinho de gente.

Capítulo 15

“Now we're under the covers

Fast forward to eighteen

We are more than lovers

Yeah, we are all we need.”[\[22\]](#)

Treia

Olhar para ela se tornara uma de minhas coisas favoritas. Talvez um dia, colocasse-as no papel, para que Diana soubesse que tudo me encantava. Abri a porta do apartamento e sorri, ao ouvir sua cantoria. Após mais um dia de trabalho, saber que a encontraria ali, dera-me um novo sentido. Não era mais meu apartamento, tornara-se meu lar. Um lugar para voltar.

Ela dançava no meio da sala, com as mãos na barriga, como se perdida em si mesma. Sorri e fechei a porta cuidadosamente, mesmo que o alto volume do som não permitisse que notasse minha presença. Encostei-me contra a mesma, e senti-me em um camarote. Mesmo depois de anos na estrada e assistindo os mais diversos shows, podia afirmar que aquele se tornara meu preferido. Minha mulher, com as mãos na barriga, onde o fruto de nosso amor crescia. Sorri, inebriado pela luz que ela emanava.

Sua voz continuava horrível, assim como me lembrava no passado. Diana não fazia questão e muito menos deixava de cantar por

aquilo. Entretanto, parecia balancear completamente nossa relação. Ela era arte, como sempre afirmou. Eu era música, o que me mantinha são. Arte era música, e vice-versa. Talvez fossemos mais complexos do que imaginávamos.

O que nosso pedacinho seria? Era algo que se passava em minha mente. Diana gritou junto com o agudo da música e segurei uma gargalhada. Ela parecia completamente imersa no momento e não seria eu a estragá-lo. Fiquei ali, parado, assistindo. Imerso com sua presença e em lembranças. A melhor delas, de quatro dias atrás, quando escolheu ficar comigo. Ao menos durante suas férias, tudo se tornava mais fácil. Depois, teríamos novas escolhas a fazer. Entretanto, uma delas era certa, não nos separaríamos.

— *Não acho que seja uma boa ideia lhe dar trabalho.* — comentou e continuei levando-a em meu colo até o quarto. — *Sério, posso me acostumar com isso e nunca mais te deixar em paz quando estivermos aqui.*

— *Não preciso de paz, baby.* — revelei, ao deitá-la com cuidado na cama. — *Eu tenho você.*

Ela sorriu lindamente e me puxou para seu encontro. Com todo cuidado, deitei-me sobre seu corpo, sem colocar peso. Ela acabara de sair do hospital e ainda mais, carregava nosso filho. Não existia a chance de deixar com que se machucasse.

— *Eu sei o que está fazendo, garoto.* — falou e tocou meu rosto. *Encarei-a com a intenção de memorizar cada pedacinho de sua expressão.*

— *O que é?* — desafiei-a.

— *Me fazendo te amar.* — encarei-a surpreso, como sempre. *Ela parecia saber colocar tudo às claras. Como se soubesse o momento certo.*

— *E está funcionando? — perguntei, sem conseguir me conter.*

Quantos anos aguardei para ter uma resposta diferente do silêncio ou a confirmação de que ela me deixaria? Cinco... Cinco longos anos.

— *Bom... eu sempre tive medo de me entregar, mas você fez isso parecer tão fácil. — suspirou e me deu um leve beijo. — Tão simples.*

— *Baby...*

— *Te amar é tão simples. — fiquei paralisado diante de sua declaração. — Eu te amo, garoto.*

Nunca, nem em mil anos, saberia explicar o choque que tais palavras tiveram em minha alma e coração. Era como se finalmente, estivéssemos em sintonia. Amar e ser amado era algo que nunca desejei. Até ela aparecer e virar meu mundo do avesso.

— *Eu te amo mais, baby. — falei e passei a mão direita por seu rosto. — Não sabe o quanto queria dizer isso.*

— *Bom... Espero poder ouvir essas palavras todos os dias a partir de agora. — decretou, fazendo-me sorrir. Diana sendo Diana.*

— *Pelo resto de nossas vidas e as outras que vierem.*

Sua cantoria me trouxe de volta a seu momento triunfante, onde cantava uma das músicas de quem acabei descobrindo ser sua cantora favorita.

*“In the middle of the night, in my dreams
You should see the things we do, baby, hm
In the middle of the night, in my dreams
I know I'm gonna be with you, so I take my time*

Are you ready for it?^[23]

— Eu estou pronto, baby! — falei e ela sequer escutara.

Deu um giro na sala e finalmente seus olhos me encontraram. Ela parou por um instante e sorriu. Deu alguns passos em minha direção e me puxou para si, levando-me até o centro da sala, que parecia ter se tornado um palco.

— Já cantou comigo, garoto. Mas dançar... — sussurrou em meu ouvido e lhe girei, logo trazendo-a de volta para meu corpo.

Diana sorriu abertamente, aprovando meu passo mais elaborado de dança. O qual aprendera com minha mãe quando criança. Era o máximo que poderia ir naquele quesito. Outra música começou e tudo se tornou mais lento. Ela deitou a cabeça em meu ombro e perguntou como foi meu dia. Com a música de fundo, comecei a lhe contar sobre os novos alunos e como o novo emprego ia.

De repente, ela começara a cantar a música, como se descrevesse seus sentimentos. Diana era tão transparente, que poderia ter certeza, era exatamente o que queria dizer. Combinava conosco. Com nossa história. O que nós tornávamos únicos.

“Then you smiled over your shoulder

For a minute, I was stone cold sober

I pulled you closer to my chest

And you asked me to stay over

I said, I already told ya

I think that you should get some rest

*I knew I loved you then
But you'd never know
Cause I played it cool when I was scared of letting go
I know I needed you
But I never showed
But I wanna stay with you
Until we're grey and old
Just say you won't let go.”[\[24\]](#)*

Ela então parou de dançar e me encarou, tocando meu rosto com carinho. Tais gestos, jogavam-me na lona. Diana tinha o poder de me desmontar por completo.

— Apenas me diga que não vai embora. — falou, como um claro pedido.

Nunca imaginei que os papéis se interveriam. Não depois de estarmos tão certos do que sentíamos. Porém, Diana era como eu. Ao menos, naquilo. Gostávamos de afirmações, e que estas, fossem comprovadas com ações. Palavras também entravam na lista.

— Nunca, baby.

Girei-a e deixei que suas costas se encontrassem com meu peito. Desci as mãos até sua cintura, em seguida para sua barriga. Diana cantava, e senti-me completo. Um pedacinho nosso crescia ali. Um pedaço de uma história que nunca poderia ter ficado no passado. Por que nós... éramos destinados. Éramos amantes. Éramos improváveis. Éramos um, pois a música nos unira. Naquela noite, em que fui cantar por amor. E *ela* estava

lá, para ouvir e se tornar minha *razão*. A música permanecia ali, tocando... imortal, como o que sentíamos um pelo outro.

Aproveitei-me do conhecimento da canção que nos embalava, e assumindo o papel principal, cantei para ela. Assim como naquela noite, há cinco anos. Assim como faria para sempre.

*“I'm so in love with you
And I hope you know
Darling, your love is more than worth its weight in gold
We've come so far my dear
Look how we've grown
And I wanna stay with you
Until we're grey and old
Just say you won't let go
Just say you won't let go.”*^[25]

Fim

Recadinho

Esse casal me teve desde o fio de cabelo até o dedinho do pé. Diana e Troian me trouxeram tanto amor e complexidade ao escrever, que não saberia defini-los. Amo-os. Espero de coração que também que tenha conseguido passar em cada linha do livro tal sentimento.

Mas calma... Essa jornada não termina aqui. Teremos um **livro bônus** para cada um dos livros da Série Sentimentos (Klaus, Paul e Troian), além de casais secundários que merecem um **desfecho**. *Quando é o lançamento?* Em breve. Antes disso, temos o quarto e último livro da Série, com Spencer e Ruby como protagonistas: *Spencer – entre a atração e o poder*. Em breve, aqui na amazon.

Não se esqueça de avaliar o livro, para que possa saber o que pensou, sentiu e o que Troian e Diana estão passando para cada um. Isso ajuda com que outros leitores também conheçam a história.

E caso queira conhecer algum outro romance meu, eles estão todos disponíveis aqui: [ebooks](#).

Muito obrigada e espero que até a próxima!

A handwritten signature in black ink, reading "Aline Padua". The script is fluid and cursive, with the first letters of the first and last names being capitalized and prominent.

Contatos da autora

[Wattpad](#) - [Facebook](#) - [Grupo](#) - [Página](#)
[E-mail](#) - [Site](#) - [Spotify](#)

Obrigada!

[1] “Eu, eu te amei em segredo

À primeira vista, é, nós amamos sem razão

Oh, vinte e cinco anos

Oh, como você saberia?”

Dancing With Our Hands Tied – Taylor Swift

[2] Trecho da canção intitulada João de Barro versão do cantor brasileiro Leandro Léo.

[3] “E agora todo esse tempo

Está passando

Mas eu não consigo dizer-lhe por que

Dói cada vez que eu te vejo

Percebo o quanto eu preciso de você.”

i hate u, i love u – Gnash feat. Olivia O'Brien

[4] “Se você está sendo realmente honesto

Se você realmente quer isso, woah

Por que você está agindo como um estranho?

O que há com o seu comportamento?”

Say My Name – David Guetta feat. Bebe Rexha & J Balvin

[5] “Em um minuto, mas penso nisso às vezes

Mesmo que eu saiba que não foi a tanto tempo assim

Oh, não, eu ainda quero lembrar.”

What a Time – Julia Michaels feat. Niall Horan

[6] “Eu, eu te amei em segredo

À primeira vista, é, nós amamos sem razão

Oh, vinte e cinco anos

Oh, como você saberia?”

Dancing With Our Hands Tied – Taylor Swift

[7] “Nós não podemos fazer

Nenhuma promessa agora, podemos, querido?

Mas você pode me fazer uma bebida.”

Delicate – Taylor Swift

[8] “Todo esse silêncio e paciência

Apreensão e espera desesperada

Minhas mãos estão tremendo por tudo isso.”

Dress – Taylor Swift

[9] Trecho da canção intitulada Quem De Nós Dois versão da cantora brasileira Ana Carolina, álbum Ana Rita Joana Iracema e Carolina (2001).

[10] “Meu nome é o que você quiser que seja

E eu só vou te chamar de meu

Estou fora de mim, mas sou seu amor

Ecos do teu nome dentro da minha mente.”

Don’t Blame Me – Taylor Swift

[11] “Soube que ele era um assassino desde primeira vez em que o vi

Imaginei quantas garotas ele amou e deixou assombradas

Mas se ele é uma assombração, então posso ser um fantasma

Mantendo-o como refém.”

...Ready For It? – Taylor Swift

[12] “Parece que estou sempre me desculpando por sentir

Como se estivesse enlouquecendo quando estou simplesmente bem

E todos os meus ex dizem que sou difícil de lidar

E eu admito que sim, é.”

Anxiety – Julia Michaels feat. Selena Gomez

[13] Julia Carin Cavazos, mais conhecida por seu nome artístico Julia Michaels, é uma cantora e compositora norte-americana.

[14] “Mas os meus amigos, eles não sabem como é, como é
Eles não entendem porque eu não consigo dormir a noite toda
Tenho ouvido que eu podia tomar algo pra resolver isso
Cara, eu queria, eu queria que fosse assim tão simples, ah.”
Anxiety – Julia Michaels feat. Selena Gomez

[15] “Alguns garotos tentam demais, ele nem sequer tenta
Mais novo do que meus ex-namorados, mas age como um homem feito, então
Não vejo nada melhor, mantereí ele para sempre
Como uma vingança-ça.”
...Ready For It – Taylor Swift

[16] “E que o destino está te levando pra muito longe
E pra fora do meu alcance
Mas você está aqui no meu coração
Então, quem pode me parar se eu decidir que você é meu destino?”
Rewrite The Stars Anne-Marie feat. James Arthur

[17] Trecho da canção intitulada Me Espera da cantora brasileira Sandy com participação de Tiago Iorc, Meu Canto (2016).

[18] “Às vezes eu acordo tarde da noite e nem escovo os dentes
Só quero me estufar com sobras de macarrão com queijo
Você sabe que eu fico depressiva, está impressionado com minha honestidade?
Mas eu vou vestir o que eu quero vestir, porque eu tô de boa com o que tem por baixo.”
Perfect To Me – Anne-Marie

[19] Trecho da canção intitulada Coisa Linda do cantor brasileiro Tiago Iorc, álbum Troco Likes (2015).

[20] Trecho da canção intitulada Sozinho do cantor brasileiro Caetano Veloso, álbum Prenda Minha (1998).

[21] “Te amar foi juvenil, selvagem e livre
Te amar foi legal, quente e doce

Te amar foi luz do sol, foi estar sã e salva
Um lugar seguro para baixar minha guarda
Mas te amar teve consequências.”
Consequences – Camila Cabello

[22] “
Agora estamos debaixo das cobertas
Avancemos para dezoito
Somos mais que amantes
Sim, somos todos que precisamos.”

2002 – Anne-Marie

[23] “No meio da noite, em meus sonhos
Você devia ver as coisas que fazemos, amor, hm
No meio da noite, em meus sonhos
Eu sei que estarei com você, então vou no meu tempo
Você está pronto para isso?”

... Ready For It? – Taylor Swift

[24] “Então você sorriu sobre seu ombro
Por um minuto, eu estava sóbrio como uma pedra
Eu te puxei para mais perto do meu peito
Então você me pediu, para ficar mais
E eu disse, eu já te disse
Eu acho que você deve descansar um pouco

Eu já sabia que te amava naquela época
Mas você nunca saberia
Porque eu me calei com medo de perder
Eu sei que eu precisava de você
Mas eu nunca demonstrei
Mas eu quero ficar com você
Até que nós fiquemos bem velhinhos
Apenas diga que você não vai embora

Apenas diga que você não vai embora.”

Say You Won't Let Go – James Arthur

[\[25\]](#) “Eu sou tão apaixonado por você

E eu espero que você saiba

Querida, seu amor vale mais que todo ouro do mundo

Nós chegamos tão longe, meu bem

Veja como nós amadurecemos

E eu quero ficar com você

Até que fiquemos bem velhinhos

Apenas diga que você não vai embora

Apenas diga que você não vai embora.”

Say You Won't Let Go – James Arthur